

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH  
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA**

**JOÃO PAULO MENDES LIMA ANTUNES**

**O RÁDIO COMO VEÍCULO INFORMACIONAL:  
a dicotomia entre vitória e derrota no jogo final  
da Copa do Mundo de Futebol de 1950**

**RIO DE JANEIRO  
2014**

**JOÃO PAULO MENDES LIMA ANTUNES**

**O RÁDIO COMO VEÍCULO INFORMACIONAL:  
a dicotomia entre vitória e derrota no jogo final  
da Copa do Mundo de Futebol de 1950**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira

RIO DE JANEIRO  
2014

A636r

Antunes, João Paulo Mendes Lima.

O rádio como veículo informacional: a dicotomia entre vitória e derrota no jogo final da Copa do Mundo de Futebol de 1950 / João Paulo Mendes Lima Antunes - 2014  
63 f.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)-Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Bibliografia: f.59-61

1. Rádio - Veículo Informacional 2. Rádio Nacional (Brasil) 3. Copa do Mundo FIFA 1950. I. Título.

CDD 070.190981

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**JOÃO PAULO MENDES LIMA ANTUNES**

O RÁDIO COMO VEÍCULO INFORMACIONAL: a dicotomia entre vitória e  
derrota no jogo final da Copa do Mundo de Futebol de 1950

Aprovado pela Banca Examinadora

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

---

Professor Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

---

Professor Dr. Gustavo Silva Saldanha  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

---

Professor Dr. Alberto Calil Elias Junior  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

**Dedico a Deus por ter me permitido terminar este trabalho, a meus pais pelo carinho de sempre e a meu avô Almiro, que pela minha lembrança, foi a primeira pessoa que me fez ouvir rádio.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter dado provas de que nada é conquistado sem esforço.

Agradeço a meus pais por todo o carinho, incentivo, amor e, principalmente, por terem se esforçado ao máximo para me formar como ser humano.

Ao meu orientador, Professor Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira por ter aceitado o desafio e me mostrar que era possível concluir esse trabalho.

Ao apresentador da Rede Globo, Alex Escobar, pela indicação de leitura.

À Wanessa Canellas, do Sistema Globo de Rádio, pelo apoio inicial ao trabalho.

À Lacy Barca, Gerente-Executiva de Acervo e Conhecimento da Empresa Brasil de Comunicação, pela grande ajuda na composição deste trabalho.

Ao arquivo da Rádio Nacional em especial ao Sr. Alberto Luiz por ter me atendido de forma tão solícita e simpática.

Ao Museu da Imagem e do Som, especialmente ao Sr. Luiz Antônio e seu estagiário, Walter.

Aos amigos de UNIRIO e UFRJ que a Biblioteconomia me proporcionou conhecer: Bruna, Christiane, Luziana, Roberto, Rodrigo, Taciane e José Eduardo. Vou levá-los para sempre em meu coração.

Aos amigos que me deram força para continuar na difícil caminhada de conclusão de curso. Valeu, Rafael!

À Renata Viegas, psicóloga que me ajudou a compreender o quão importante seria para minha vida o encerramento desse ciclo.

Às bibliotecárias do Observatório Nacional, Kátia e Maria Luiza, pela compreensão e ajuda para a composição desse trabalho de conclusão de curso.

À professora Iris Abdallah Cerqueira pela atenção que teve comigo.

Ao professor Sidney Barros pela ajuda com a língua estrangeira.

Por fim, agradeço à minha esposa, Luiza, pelo carinho, pela dedicação, pelo amor e pela paciência que teve comigo durante essa minha caminhada.

“Só três pessoas calaram o Maracanã: o Papa, o Frank Sinatra e eu.”

(Alcides Ghiggia)

## RESUMO

O presente trabalho discute o rádio como veículo informacional e analisa sua inserção e importância na vida de seus ouvintes. Para tanto, descreve a chegada do rádio ao Brasil e a criação da primeira emissora; apresenta a Rádio Nacional, seu surgimento e seu pioneirismo no esporte; discorre sobre o evento Copa do Mundo da FIFA de 1950, a escolha do Brasil como sede do torneio, as seleções que participaram e aquelas que declinaram o convite, apontam-se, ainda, os jogadores que fizeram parte do elenco para a disputa do campeonato, além de levantar informações sobre a campanha brasileira na competição. Por fim, adotando como objeto empírico gravações da época, analisa-se a contribuição da Rádio Nacional para o processo de construção da expectativa pela vitória brasileira na Copa do Mundo de 1950, assim como sua participação na irradiação da derrota. Relata os fatores que levaram o Brasil a ser derrotado pelo Uruguai no jogo decisivo, mostra os jogadores que foram considerados culpados pela derrota brasileira, a comoção nacional que tal fato desencadeou e como a Rádio Nacional, principal meio de comunicação da época, se posicionou em todo esse processo.

**Palavras-chave:** Rádio. Veículo informacional. Rádio Nacional (Brasil). Copa do Mundo da FIFA de 1950. Seleção brasileira de futebol.

## **ABSTRACT**

This paper presents the radio as a means of communication and an important source of information. It analyses its insertion and importance in the life of listeners. It describes how the radio was brought to Brazil and the creation of the first broadcasting station. It presents Rádio Nacional, and how the station became a pioneer in sports. It tells about the 1950 FIFA World Cup, the choice of Brazil as the host of the tournament, the squads that participated and those that refused the invitation. It also presents the players who took part in the Brazilian squad to dispute the championship. It brings information on the matches Brazil played in the competition. In the end, using records from 1950's as empirical object, it analyses the contribution of Rádio Nacional in the building up of the expectation of a Brazilian victory in the 1950 FIFA World Cup as well as its influence in the commotion after Brazil was defeated. It reports the facts that contributed to the Brazilian defeat in the final match. It shows the players that were considered responsible for the defeat, the commotion spread nationwide triggered by the frustration of the defeat. It shows how Rádio Nacional, the main means of communication at that time, influenced in the whole process.

Key words: Radio. Means of information. Rádio Nacional (Brazil). 1950 FIFA World Cup. Brazilian squad

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	No colosso do Maracanã, Cordeiro e Curi transmitem para milhões de brasileiros uma partida de futebol.....	27
Ilustração 2	Logo do IV Campeonato Mundial de Futebol .....	31
Ilustração 3	A seleção brasileira que venceu o México no primeiro confronto da Copa do Mundo de 1950. em pé: Eli. Juvenal. Augusto. Danilo. Barbosa e Bigode. Agachados: Maneca. Ademir. Baltazar. Jair e Friaça .....	33
Ilustração 4	O Brasil que empatou com a Suíça. em pé: Jonhson (massagista). Rui. Barbosa. Augusto. Bauer. Noronha e Juvenal. Agachados: Alfredo. Maneca. Baltazar. Ademir. Friaça e Mario Américo (massagista).....	34
Ilustração 5	O goleiro espanhol Ramallets leva um dos gols do Brasil.....	36
Ilustração 6	A equipe brasileira no confronto contra os uruguaios. Em pé: Barbosa, Augusto, Danilo, Juvenal, Bauer e Bigode - Agachados: Mário Américo, massagista, Friaça, Zizinho, Ademir, Jair, Chico e Jonhson - massagista.....	37
Ilustração 7	O Uruguai no jogo final da Copa do Mundo de 1950. em pé: um dirigente, Obdulio Varela, o massagista, Gambetta, Juan Lopez (técnico), Tejera, Mathias Gonzalez e Máspoli. Agachados: Rodriguez Andrade, Ghiggia, Perez, Miguez, Schiaffino. ....	38
Ilustração 8	O primeiro gol da partida, marcado por Friaça, que abriu o caminho para a “conquista” brasileira.....	38
Ilustração 9	O empate uruguaio. a imagem mostra o gol marcado por Schiaffino .....	39
Ilustração 10	A virada uruguaia. O segundo gol da Celeste Olímpica foi anotado por Ghiggia, decretando assim, o fim do sonho brasileiro de ser campeão em casa.....	39
Ilustração 11	O Presidente da FIFA, Jules Rimet entrega a taça de campeão ao uruguaio Obdulio Varela.....	51

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
1.1	<b>Metodologia</b> .....	14
2	<b>O RÁDIO</b> .....	16
2.1	<b>A chegada do Radio no Brasil</b> .....	23
2.2	<b>A criação da primeira emissora de rádio no Brasil</b> .....	24
2.3	<b>O surgimento da Rádio Nacional</b> .....	25
2.4	<b>O esporte na Rádio Nacional</b> .....	26
3	<b>A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DA FIFA</b> .....	29
3.1	<b>A escolha do país sede da Copa do Mundo de 1950</b> .....	29
3.2	<b>O formato de disputa do torneio</b> .....	30
3.3	<b>As desistências da Copa do Mundo de 1950</b> .....	30
3.4	<b>A realização da Copa do Mundo de 1950</b> .....	31
4	<b>A SELEÇÃO BRASILEIRA NA COPA DO MUNDO DE 1950</b> .....	32
4.1	<b>A campanha na Copa do Mundo de 1950</b> .....	32
4.2	<b>A construção da expectativa pela vitória brasileira na Copa do Mundo de 1950 pelos microfones da Rádio Nacional</b> .....	40
4.3	<b>A concretização da derrota brasileira</b> .....	49
4.4	<b>Fatores que culminaram na derrota do Brasil diante do Uruguai</b> ...52	
4.5	<b>Os culpados pela derrota do Brasil</b> .....	54
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	57
	<b>REFERÊNCIAS</b>	
	<b>ANEXOS</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

O país se prepara para realizar uma nova Copa do Mundo de futebol, assim como aconteceu há sessenta e quatro anos. Tal como naquela época, o Brasil passa por grandes reformulações na área dos transportes, no turismo, na rede hoteleira e, principalmente, na construção e reforma dos estádios que abrigarão os jogos.

Tendo-se em vista a proximidade desse evento esportivo internacional, a grande repercussão em diversos dispositivos midiáticos e a paixão que tenho pelo esporte, resolvi fazer meu trabalho de conclusão de curso sobre a Copa do Mundo que foi realizada no Brasil em 1950.

A Copa de 1950 não foi vencida pelo Brasil, por quais motivos, então, se falar de uma Copa que não traz lembranças positivas aos brasileiros? Várias são as razões, o fato de o futebol ser “a paixão nacional”, por ter sido o primeiro evento internacional de futebol ocorrido no país, devido à construção de um imenso estádio para abrigar os jogos no Rio de Janeiro – até então, capital do Brasil - e, também, por existirem diversos trabalhos sobre as Copas do Mundo vitoriosas e pouco material sobre aquelas em que o Brasil não obteve êxito.

Na década do evento, o país ainda não contava com uma rede televisiva constituída, portanto, os jogos da Copa do Mundo foram transmitidos pelo principal veículo informacional da época, o rádio. Através da escuta radiofônica, as pessoas ouviam as notícias, as músicas, os informativos e, também, o esporte. A emissora de maior destaque na época era a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. A Rádio, um fenômeno entre seus ouvintes, contava com uma grande equipe de artistas contratados e também possuía um grande auditório, que vivia sempre lotado de ouvintes para acompanhar a realização dos shows com suas personalidades preferidos. A emissora foi, durante anos, líder de audiência entre as estações de rádio do Rio de Janeiro. A Rádio Nacional, pioneira em diversos momentos na área esportiva, esteve, pois, presente na transmissão das partidas e, devido à sua importância para nosso país, é sobre ela que falarei no trabalho.

O rádio é um dos campos de atuação do profissional formado no curso de Biblioteconomia. O bibliotecário, dentro de uma emissora de rádio, pode atuar no campo da pesquisa, em um centro de memória ou em um centro de documentação.

Para a concretização desse trabalho, após diversas idas ao setor de pesquisa do Museu da Imagem e do Som (MIS) e audição de vários arquivos, encontrei dois

áudios que serviram como base do texto. O primeiro deles, uma entrevista de Manoel Barcelos com o técnico da seleção Brasileira Flávio Costa poucos dias antes do início da competição, e o segundo, um boletim informativo transmitido diretamente de São Paulo com Luiz Alberto para o programa “No Mundo da Bola”.

O acervo constante no arquivo da Rádio Nacional também foi muito útil. Lá, pude ter acesso a gravações da época e ao áudio de alguns jogos da Copa do Mundo de 1950. Por conta do trabalho e por sua maior importância dentro do contexto, escolhi o áudio do segundo tempo da partida entre Brasil e Uruguai como objeto empírico de nossas análises. Além do CD, consegui fotocópias de algumas páginas de um livro lançado em 1956 em comemoração aos vinte anos de sucesso da emissora. O livro possui informações sobre a Copa do Mundo e foi outro material que me ajudou na composição do trabalho. Para a elaboração do texto final, além dos áudios obtidos, estabeleceu-se uma pesquisa bibliográfica acerca do assunto futebol e, mais especificamente, da historicidade da Copa do Mundo de 1950.

Em linhas gerais, o trabalho aqui efetuado pretende explorar o rádio como veículo de informação, falar sobre sua chegada ao nosso país, a criação da primeira emissora, o surgimento da Rádio Nacional, seu pioneirismo nas transmissões esportivas, sua contribuição na criação da expectativa pela vitória brasileira na Copa do Mundo de 1950 e sua atuação na irradiação da derrota. Além disso, visualizou-se a necessidade de descrever o que é o evento “Copa do Mundo”, os motivos que levaram o Brasil a ser escolhido para sediar a competição, os países que participaram e, também, os que declinaram ao convite, bem como a forma de disputa do torneio. Detalhar a campanha brasileira na Copa do Mundo de 1950, em especial o último jogo do Brasil no quadrangular final contra o Uruguai, constituiu-se em estratégia importante para relatarmos os detalhes que contribuíram para a derrota brasileira e o sentimento de “tragédia nacional” que imanou desse acontecimento, atentando, sobretudo, para a cobertura da Rádio Nacional no âmbito desse contexto.

## 1.1. Metodologia

Para a realização deste trabalho de conclusão de curso, pesquisei materiais que falassem sobre o rádio, a Rádio Nacional e a Copa do Mundo de 1950.

No intuito de validar este trabalho no âmbito do campo biblioteconômico, descreve-se a condição do rádio como veículo informacional, sua importância na vida dos seus ouvintes numa época em que ainda não se existia uma rede televisiva constituída e amplamente inserida no dia a dia do brasileiro e, sobretudo, as possibilidades de se utilizar como base para composição do texto, gravações da década de 1950 da Rádio Nacional, que nos remete às práticas informacionais da época.

No que tange aos livros utilizados, foram consultados autores com longa experiência no campo dos esportes e de sua transmissão no rádio. O apresentador da Rede Globo de Televisão Alex Escobar, durante uma conversa após palestra ministrada na Biblioteca Nacional, me recomendou que procurasse algum material do Teixeira Heizer. À procura de materiais sobre o autor supracitado, recorri à internet e o encontrei no formato *on-line* um livro chamado “*O jogo bruto das Copas do Mundo*”. Após a aquisição e início da leitura, percebi que o livro seria adequado para a composição do texto.

Também fui aconselhado por Wanessa Canellas, do Sistema Globo de Rádio, a procurar o livro “*7 mil horas de futebol*”, do saudoso radialista Luiz Mendes. Em seu livro, o autor conta diversas histórias sobre o rádio, pessoas da crônica esportiva e jogadores de futebol. Algumas passagens do livro fazem menção à Copa do Mundo de 1950, ao técnico Flávio Costa e jogadores da seleção de 1950.

Outros materiais foram utilizados como fonte de consulta: portais da internet, artigos acadêmicos e especialmente, a página da FIFA disponível em meio eletrônico (<http://pt.fifa.com>).

Com relação aos materiais referentes à Rádio nacional, adquirei por meio de sebos os livros “*Rádio Nacional: o Brasil em sintonia*”, de Luiz Carlos Saroldi e Sonia Virgínia Moreira e também a obra “*Almanaque da Rádio Nacional*”, de Ronaldo Conde Aguiar. Na própria Rádio Nacional, consegui umas fotocópias do livro “*Rádio Nacional: 20 anos de liderança a serviço do Brasil*”, lançado em comemoração aos vinte anos de sucesso da emissora da Praça Mauá.

Para dar mais embasamento ao trabalho de conclusão de curso, obtive acesso a gravações de materiais raríssimos sobre a Copa do Mundo de 1950 no Museu da Imagem e do Som (MIS), local em que se encontra parte do acervo sonoro da Rádio Nacional. Após diversas visitas ao MIS, selecionei dois momentos para gravação, cujo conteúdo se constitui no principal material empírico deste estudo: uma entrevista do técnico Flávio Costa à Manoel Barcellos pouco antes do início da Copa do Mundo de 1950 e um boletim informativo da véspera do último jogo da seleção brasileira no IV Campeonato do Mundo, com Luiz Alberto, para o programa “No Mundo da Bola”. Entre a solicitação de gravação, pagamento de taxas e recebimento do material, passou-se aproximadamente um mês.

Com a ajuda de Wanessa Canellas, cheguei ao contato de Lacy Barca, gerente-executiva de acervo e conhecimento da Empresa Brasil de Comunicação. Trocamos alguns *e-mails* e ela, gentilmente, me autorizou a gravação do jogo entre Brasil e Uruguai, disputado em 16 de julho de 1950. Com a devida autorização, recorri ao Sr. Alberto Luiz, responsável pelo acervo da Rádio Nacional e este me informou que poderia gravar parte do áudio. Como os detalhes mais importantes da partida decisiva aconteceram na segunda etapa (os gols de Brasil e Uruguai e a cerimônia de encerramento), a escolha se deu pelo segundo tempo do jogo.

Foram feitas as transcrições das três gravações com o intuito de posterior análise. Durante as transcrições, foram separados os trechos em que ficavam caracterizados os momentos aos quais o Brasil era considerado favorito e o sentimento que essa situação causou nas pessoas e, também, os momentos em que o Brasil passou a ter condições desfavoráveis no jogo final. Após as análises, foram destacados no texto trechos em que se recria, por meio dos microfones da Rádio Nacional, a dualidade instaurada entre a expectativa pela vitória brasileira e a concretização da derrota da seleção nacional.

## 2 O RÁDIO

O rádio foi, durante muitos anos, o principal veículo informacional do Brasil. Instrumento formador de opinião, era através dele que as pessoas ouviam as radionovelas, as músicas, davam risada, choravam e ficavam informadas com as notícias.

Nas décadas de 1940 e 1950, praticamente todos os lares tinham, pelo menos, um aparelho de rádio. Ele era estrategicamente visível e colocado sobre o móvel mais importante da sala. Em seu livro intitulado “*Almanaque da Rádio Nacional*”, Ronaldo Conde Aguiar apresenta relatos contundentes de como o rádio ocupava um lugar de destaque nas casas das famílias brasileiras da época:

Era, na verdade, uma espécie de altar: a caixa de madeira ficava quase sempre no centro, como uma imagem a ser cultuada por todos da família. Ao lado do aparelho, tanto à direita como à esquerda, um abajur, um cinzeiro, um bibelô ou castiçais com suas velas enceradas – brancas, ou azuis. Ali, o sagrado e o profano misturavam-se: os deuses e os santos eram os astros e as estrelas. A fé, o amor que os ouvintes sentiam por eles. (AGUIAR, 2007, p. 7).

Na época, os aparelhos de rádio costumavam ficar ligados o dia inteiro transmitindo um mundo de fantasias onde risos, lágrimas e toda sorte de emoções se misturavam ou se adicionavam ao tempero de uma grade de programação bem variada que consistia em radionovelas, musicais, programas noticiosos e humorísticos, de auditório e de variedades. Aguiar (2007, p.9) afirma: “Parece estranho, mas foram as fantasias radiofônicas que nos fizeram saber que existia um mundo real lá fora”.

O rádio foi um instrumento de grande importância em nossa formação como cidadãos brasileiros. Segundo Aguiar (2007, p.9), o rádio levou às cidades (pequenas, médias e grandes) e aos rincões mais afastados, uma mensagem que uniu os brasileiros em torno de algumas aspirações e desejos em comum.

O rádio trouxe para a sala dos brasileiros notícias e informações sobre o país e o mundo. Devido à sua capacidade de falar ao mesmo tempo para milhões de pessoas, transformou-se numa poderosa ferramenta de informação de massa. Em nosso país, a emissora que mais se destacou em termos de importância e alcance foi a Rádio Nacional. De acordo com Aguiar (2007, p. 9), a Rádio Nacional foi o

canal exclusivo de informação e formação cultural do povo brasileiro, fazendo deste vasto paraíso tropical a primeira grande aldeia global dos tempos modernos.

Nesses termos, para o autor acima citado, a Rádio Nacional criou tudo o que vimos e vemos na televisão brasileira. Assim, mostra-se tributário e defensor da tese de que:

[...] na década de 1940, homens talentosos e corajosos resolveram pôr no ar a novela *Em busca da felicidade*, do cubano Leandro Blanco, plantando um hábito e uma cultura que desde então só fizeram aumentar. E olha que, naquele tempo, tudo se fazia e se criava através da interpretação pela voz – sem imagens, rostos e cenas mudas. (AGUIAR, 2007, p. 10).

Para ilustrar a dimensão do que representou a Rádio Nacional em seus anos dourados, especialmente no começo da década de 1940, foi criado pela emissora um Setor de Estatísticas, que indicava em números e gráficos os horários a serem oferecidos aos anunciantes. Através desse setor, foi descoberto que a Rádio Nacional recebia uma média mensal de 26.291 cartas por mês. Vale destacar ainda que, nesses mesmos anos de 1940, foi instituído pelo programa “No mundo da Bola” um concurso para saber qual atleta era o melhor jogador de futebol segundo a opinião dos ouvintes da Rádio Nacional. O impressionante sucesso dessa iniciativa é relatado por Aguiar (2007) nos seguintes termos:

Nada menos que 19.105.856 envelopes do analgésico Melhoral, o patrocinador do programa, foram enviados à Rádio Nacional. O jogador Ademir de Menezes, o popular Queixada, do Vasco da Gama e da seleção brasileira foi o vencedor, recebendo 5.304.935 votos. (AGUIAR, 2007, p.112).

Em 1944, foi feita uma pesquisa de audiência e, segundo o IBOPE, a Rádio Nacional detinha cerca de 70% da audiência, contra apenas 10% da segunda colocada. Coaduna com esses dados o relatório do Anuário do Rádio de 1950, onde se lê explicitamente que os principais artistas, os queridinhos do público, faziam parte do elenco da Rádio Nacional.

Segundo Aguiar (2007, p. 10), o apogeu da Rádio Nacional pode ser medido por outros indicadores. Entre as treze emissoras de rádio existentes em 1947, no Rio de Janeiro, coube à emissora situada na Praça Mauá um faturamento de 50 milhões de cruzeiros. A segunda colocada dispunha da metade: 24 milhões.

Além disso, é importante destacar que, na primeira metade do século XX, rádio apresentava números respeitáveis e a Rádio Nacional se destacava cada vez mais frente às emissoras concorrentes. O rádio acabou se tornando uma paixão

entre as famílias. Constatação que nos impulsiona a levantar as seguintes questões: o que, no contexto aqui demarcado, o rádio despertava nas pessoas? Por quais motivos as pessoas escutam o rádio?

Para tentar entender a sensação que esse fenômeno informacional causa, e, em certa medida, ainda se faz presente na vida das pessoas, Pessoa (2010), em sua dissertação de mestrado intitulada “*A relação entre ouvintes assíduos e o rádio: um estudo de usuário da informação a partir de uma perspectiva compreensiva*” entrevistou algumas pessoas no seu local de trabalho para saber as opiniões delas sobre o rádio. Essas pessoas possuíam as mais diversas faixas etárias, níveis de escolaridade e cargos exercidos. Como resultado, a pesquisa acabou por revelar que, para alguns entrevistados, o rádio serve de companhia. Enquanto o escutam, sentem que não estão sozinhos, mesmo que não haja ninguém por perto. É como se os locutores estivessem por perto, interagindo e conversando com quem os ouve:

Às vezes, a pessoa não ta ouvindo o radinho no fone, mas tem um radinho lá do lado do computador, na sala. É um companheiro que é inseparável. Às vezes, a pessoa nem liga, mas tem que ter uma pessoa ali pra gente ta conversando com ela entendeu? (Alexandre, 26 anos, auxiliar de serviços gerais *apud* PESSOA, 2010, p.34).

Podendo contar com o rádio como companheiro, o ouvinte acaba por criar uma relação afetiva tanto com o aparelho em si, quanto com os locutores dos seus programas favoritos. Vemos isso claramente em um dos relatos colhido por Pessoa (2010):

O rádio pra mim é bom. Ele não reclama de nada. Então, eu falo com ele, ele fica calado, quietinho, não briga comigo, não me responde mal. Sempre ali disponível e eu sempre ouvindo o que eu quero ouvir. Então, é muito importante o rádio para mim. (Carlos Roberto, 52 anos, torneiro mecânico *apud* PESSOA, 2010, p.35).

O uso do rádio permite que lhe seja atribuído a função de companhia em vários momentos. A emissão sonora, que pode ser ouvida durante o cumprimento de diversas tarefas, é notada como uma presença que diminui a sensação de solidão. Não por acaso:

Entre os veículos de comunicação, pode-se observar no rádio características que fazem deste veículo uma companhia certa para as pessoas solitárias. O rádio não pressupõe dedicação exclusiva, isto é, qualquer transmissão pode ser ouvida durante a realização de atividades mais diversas como trabalhar, caminhar, dirigir, cozinhar, escrever. (PRATA, 2004, p.73 *apud* PESSOA, 2010, p. 36).

Alguns dos entrevistados que relataram suas experiências com o rádio no contexto da pesquisa de Pessoa (2010), acham que o rádio tem a capacidade de influenciar o humor, o dia e o estado de espírito de quem o ouve. A transmissão radiofônica pode afetar as emoções dos ouvintes, proporcionando alegria, entusiasmo, risada ou, até mesmo, tristeza, abatimento e choro. Há quem considere que a rotina de ouvir rádio aumenta o ânimo, provoca descontração e contentamento. Para essas pessoas, tal dispositivo informacional/comunicacional alegra o dia e ajuda a passar o tempo. A escuta radiofônica mexe com os sentimentos e contribui para a melhora do humor e superação de tristezas e irritações, eis mais uma impressão que se evidencia através do estudo de Pessoa (2010):

Nossa, pra gente quando ta assim meio, com o astral assim muito ruim é só ligar o rádio que fica elevado. [...] pra mim, é muito importante porque o rádio hoje ele traz muitas felicidade pra gente né? A gente pode tá brigado, mal humorado, a gente ouvindo o rádio fica com um astral melhor. (Gilberto, 47 anos, operário rural *apud* PESSOA, 2010, p. 38).

A relação do ouvinte com o rádio também pode ser de identificação. Assuntos ligados à realidade pessoal e intersubjetiva dos ouvintes, questões locais ou de interesse de grupos a qual fazem parte ajudam a ampliar essa sensação. Ao identificar-se com determinado assunto, o ouvinte presta mais atenção no que está sendo falado no rádio e envolve-se cada vez mais no ato da escuta. O testemunho de Marcelo (30 anos) confirma isso:

Tem notícias que você não dá muita importância porque muita das vezes você acha que aquilo não é importante para você. Mas quando tem uma notícia de mais proximidade, que aconteceu um fato aqui ou na cidade vizinha aí você para pra ouvir, presta mais atenção para saber o que está acontecendo. (Marcelo, jornalista *apud* PESSOA, 2010, p. 45).

Em seu estudo, Pessoa (2010, p. 50) destaca o depoimento de uma ouvinte ao recordar a primeira vez que viu um rádio em funcionamento, isso teria acontecido na época em que o rádio começou a se disseminar pelo país. Vejamos a transcrição do relato de Maria Rita, dona de casa de 84 anos:

Fiquei muito emocionada, porque eu imaginava assim aonde o homem ficava para falar, como é que aquele homem falava dentro daquele caixote, né. [...] Eu fiquei curiosa, eu fiquei com aquela pergunta dentro de mim, não é, sem saber o que eu ia falar, como é que era, aquele caixote falando, né. [...] Eu era muito criança ainda, mas eu tinha essa coisa. E fiquei com aquilo na cabecinha, porque a gente guarda, né, de criança. (Maria Rita, aposentada *apud* PESSOA, 2010, p.51).

O depoimento, ao mesmo tempo em que revela uma estranheza ao ver o “caixote falando”, deixa transparecer o fascínio que o rádio causou na depoente. Além disso, mostra, também, o exercício imaginativo que o ouvinte tem de executar perante a ausência da imagem visual.

Razão pela qual, na visão dos entrevistados, o rádio também proporciona aprendizado. A escuta de programas informativos contribui com a compreensão de situações, cenários sociopolíticos e acontecimentos relacionados à realidade do ouvinte. Isso transparece de maneira clara no relato abaixo apresentado:

O rádio, além de você aprender com ele, te ensina muita coisa, sabe? No dia a dia, como é que tá a lei no país, os políticos, como é que tá a situação política no mundo, em nosso país.[...]. Cê aprende muita coisa (...) analisar melhor em quem você vai votar na próxima eleição, como é que tá a eleição ali do seu país, as leis que tã pra vim, pra ser aprovadas. Além de ser um companheiro, rádio também é educação. (Alexandre, 26 anos, auxiliar de serviços gerais *apud* PESSOA, 2010, p.56).

Nesses termos, muitos ouvintes consideram que o rádio, ao abordar fatos corriqueiros, alerta as pessoas para decisões e cuidados importantes que devem ser tomados como, por exemplo, o melhor caminho para fugir do trânsito e a prevenção de doenças. O rádio trabalha com as ocorrências de cada dia e, por isso, permite a seus ouvintes perceberem a importância de evitarem algum tipo de situação.

Eu acho que é de grande proveito, porque é das coisas ruins que a gente tira, a gente acaba aprendendo coisas boas também [...]. E acompanhando as reportagens acho que isso desperta mais cuidado por parte da gente porque quando a gente pensa que tá longe demais, também tá perto. Então a gente ouvindo no dia a dia eu acho que a gente deve tomar os devidos cuidados com aquilo que a gente não quer que aconteça com ninguém, principalmente com a gente. (Almir, 43 anos, tratorista *apud* PESSOA, 2010, p.57).

A partir desse relato, Pessoa (2010, p. 59) demarca que alguns ouvintes demonstraram um gosto por ouvir rádio para estarem cientes do que acontece à seu redor e também para terem conhecimentos dos fatos cotidianos, sejam eles locais, nacionais ou internacionais. Proposição que se faz presente, ainda, no depoimento abaixo:

Geralmente a gente fica... ouve as notícias, né. Fica sabendo o que está acontecendo em Minas e no Brasil e no mundo, né? Geralmente toda hora tem aqueles intervalos que dá notícias do Brasil e do mundo. Então é bom que a gente fica informado, né, sempre. (Almir, 43 anos, tratorista *apud* PESSOA, 2010, p.57).

Para os ouvintes assíduos de rádio, a preferência por esse dispositivo midiático está diretamente relacionada ao acesso rápido à informação. Modalidade de interação justificada por variadas razões: preguiça de ler, ser mais fácil ouvir do que ver. Motivos que, por vezes, fazem com que a televisão e o jornal sejam mesmo preteridos por conta do rádio.

Mas assim, por exemplo, a televisão mesmo é... eu já não perco muito tempo com a televisão, não sou muito de assistir televisão não. Eu já sou mais de ouvir rádio. Prefiro o rádio, entendeu? (Alexandre, 26, auxiliar de serviços *apud* PESSOA, 2010, p.62).

Sendo assim, segundo Pessoa (2010, p. 64), duas características apontadas pelos ouvintes entrevistados influenciam o hábito da escuta radiofônica, são elas: agilidade e mobilidade. Essas características são atribuídas como sendo representativas de vantagem do rádio sobre outros veículos informacionais.

O rádio é mais conveniente assim, durante o dia, né. Você não tem que ficar mexendo muito. Você liga e deixa ali, deixa e vai embora. Toca o serviço ouvindo as músicas de sempre. [...] Acho que o rádio é mais rápido, né, os lances passa rápido no rádio. E quando você imagina, já passou no rádio aí que você vai ver ele passando (na televisão). A televisão é mais lenta um pouco. (Vieira, 49 anos, laboratorista *apud* PESSOA, 2010, p.65).

Além disso, os entrevistados revelam que, através do rádio, têm a oportunidade de ficarem sabendo dos fatos em tempo real porque ficam ouvindo no momento em que estão trabalhando, no deslocamento de um lugar para outro ou pela simples preferência por ele. Um dos entrevistados contou que enquanto estava no trabalho ficou sabendo dos ataques às torres gêmeas ocorrido em 2001 nos Estados Unidos, eis o seu relato:

Notícias, por exemplo, daquele acidente, né, das torres gêmeas dos Estados Unidos, nós ficamos sabendo aqui foi através do radio. Antes da gente chegar em casa pra ver pela televisão, a gente já sabia o que tinha acontecido porque a gente ouviu no rádio. (Almir, 43 anos, tratorista *apud* PESSOA, 2010, p.65).

A preferência por ouvir as transmissões esportivas no radio também foi citada pelos entrevistados. Alguns deles destacaram que durante as partidas de futebol, “o rádio chega antes” e que, por esse motivo, mesmo estando com a televisão ligada, preferem ouvir os lances pelo rádio. Isso acontece, por exemplo, com o operário rural Marcos André, de 51 anos:

Porque o rádio é mais emocionante (risos). Fica mais emocionante o jogo porque a gente vendo é uma coisa, escutando é outra, né. Porque a gente fica olhando pra televisão, suponhamos, quando o cara pensa em chutar a bola no gol no rádio ele gritou gol há muito tempo. (risos) Ah, chega muito antes. Quando você vê a imagem é uma coisa, né, quando você escuta o som é mais rápido, porque chega a ser, através do som, o som chega mais rápido do que a imagem. Aí eu escuto no rádio primeiro e quando é a falta ou o gol lá no rádio já gritou há muito tempo. (Marcos André *apud* PESSOA, 2010, p.65).

O rádio é, também, portador de um atributo estratégico de grande relevância para seus ouvintes, ele pode ser carregado para qualquer lugar. Não por acaso, no contexto da pesquisa de pessoa, essa característica foi amplamente destacada pelos diferentes entrevistados:

O rádio chega primeiro, as notícias do rádio chegam primeiro. E o problema da televisão é que você tá vendo, você tá ouvindo e vendo, mas só que pra você ver a televisão você tem que tá no local onde ela tá. O rádio não. Com o rádio é diferente. Ele tá onde você tá. (Eustáquio, 46 anos, laboratorista *apud* PESSOA, 2010, p.66).

Mediante tudo o que foi dito, uma conclusão importante do estudo de Pessoa (2010) acena para o fato de que, entre ouvintes assíduos de rádio, o hábito da escuta radiofônica acontece de forma tão constante que alguns chegam a considerá-lo um vício. Muitos deles afirmaram que não conseguem viver sem o rádio, vejamos o que está inscrito no testemunho abaixo:

Ah, entrou na minha vida devagarzinho. Comecei, por exemplo, por esporte mesmo. Eu comecei a ter mais ligação com esporte através do rádio. [...] Então, eu passei a gostar muito de rádio. Eu acho que eu sou até um pouco viciado, muito, eu sou muito viciado em rádio, sabe? Apaixonadinho com rádio. (Alexandre, 26 anos, auxiliar de serviços gerais *apud* PESSOA, 2010, p.68).

Para outros entrevistados, o momento de lazer ou descanso em casa é a hora mais agradável e propícia para se escutar o rádio. Essa é a opinião de Almir:

É, eu ouço mais em casa. [...] Principalmente depois que a gente deita, quando eu deito, eu gosto sempre de tá ouvindo uma musiquinha, um programa esportivo, que a noite é mais isso. Então eu gosto de ouvir, até eu tenho um vício danado, agora até menos, mas antigamente, quando eu era solteiro, minha mãe ia lá e desligava o rádio, era a mesma coisa de tá me acordando. E como eu gosto muito do rádio, praticamente o rádio lá em casa fica ligado a noite toda. (Almir, 43 anos, tratorista *apud* PESSOA, 2010, p.69).

A pesquisa de Pessoa (2010) e todos os depoimentos que nela se inscrevem nos auxilia a apreender diferentes pontos de vista sobre o rádio e distintas formas de uso e interações que os sujeitos estabelecem ele. Em seu conjunto, tais usos e

pontos de vista reforçam a importância da escuta radiofônica e acentuam a presença do rádio como veículo informacional na vida dos entrevistados. Conjetura que valida a inserção do estudo aqui empreendido no campo da Biblioteconomia, sobretudo por se tratar de uma pesquisa sobre práticas informacionais. Mas como o rádio chega no Brasil e a partir de que momento ele se torna esse “companheiro” de todas as horas, discutiremos sobre isso no tópico abaixo.

## **2.1 A chegada do Rádio no Brasil**

O ano de 1922 foi marcante para a história do Brasil: comemorava-se o primeiro centenário de independência do país em relação à coroa portuguesa. Como principal marco festivo, foi organizada a Exposição Internacional do Centenário da Independência, na qual se reuniu em terras brasileiras comitivas representantes de diversos países estrangeiros. O Rio de Janeiro, então Distrito Federal, passou por diversas transformações. Dentre elas, o desmonte do Morro do Castelo, tarefa a cargo do prefeito Carlos Sampaio (1920-1922), abriu uma área de 450 mil metros quadrados entre a Praça XV de Novembro e a ponta do Calabouço. Esse espaço foi ocupado pelos prédios destinados aos estandes dos países expositores e suas contribuições ao progresso industrial e científico da humanidade (SAROLDI; MOREIRA, 2005).

De acordo com tais autores, essa iniciativa mostrava-se em sintonia com a preocupação dos dirigentes brasileiros em modernizar o país. Marcou esse evento, a primeira transmissão radiofônica por aqui realizada, exatamente no dia 7 de setembro de 1922. O presidente Epitácio Pessoa (1919-1922), que teve ao seu lado o rei Alberto da Bélgica, iria, por meio da referida transmissão, se dirigir ao país. Saroldi e Moreira (2005, p.15-16) informam que a saudação sonora do presidente foi irradiada através de uma estação de 500 watts montada no alto do Corcovado pela companhia norte-americana Westinghouse, captada por alto-falantes em pontos estratégicos da exposição e pelos aparelhos de rádio distribuídos pelo governo em São Paulo, Petrópolis e Niterói.

Mesmo a recepção estando longe de alcançar a perfeição, essa experiência ficou conhecida como a primeira transmissão radiofônica concretizada no Brasil e

contribuiu para a radiodifusão tomar novos rumos em nosso país, conforme será detalhado nos próximos tópicos.

## **2.2 A criação da primeira emissora de rádio no Brasil**

A primeira emissora de rádio brasileira foi fundada cerca de sete meses após as comemorações do Centenário da Independência. Conforme salientado por Murce (1976, p. 16): “[...] o rádio brasileiro nasceu de verdade em 23 de abril de 1923, graças ao pioneirismo, dedicação, capacidade e esforços de dois grandes sábios: Edgard Roquette-Pinto e Henrique Morize [...]”. O médico e antropólogo Edgard Roquette-Pinto e o astrônomo Henrique Morize fundaram a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que tinha como proposta transmitir educação e cultura por todo o país. E assim foi feito praticamente desde o primeiro dia de suas emissões, em 7 de setembro de 1923. O modelo de funcionamento foi adotado pelas outras estações instaladas em outras partes do país no ciclo pioneiro do rádio, compreendido entre 1922 e 1932

Segundo Saroldi e Moreira (2005, p.19-20), a Rádio Sociedade teve seus transmissores instalados inicialmente no Anfiteatro de Física da Escola Politécnica, no Largo de São Francisco. Mais tarde, recebeu a doação do pavilhão construído pela Tchecoslováquia para a feira internacional do Centenário. Dali, eram transmitidas palestras, audições musicais, notícias e comentários apresentados por Roquette-Pinto no *Jornal da Manhã*, considerado o primeiro programa de radiojornalismo do Brasil.

A emissora mudou de sede diversas vezes: Largo de São Francisco, Avenida Rio Branco, Castelo e, por último, a emissora se transferiu para um sobrado na Rua da Carioca. Por não conseguir manter-se apenas com o apoio dos sócios-ouvintes, fato que era bastante comum nas emissoras de rádio criadas nos primeiros tempos do rádio no Brasil, sua concessão, seu prefixo e seus bens foram entregues pelos fundadores ao governo em 1936, apenas alguns poucos anos após seu surgimento. Essa dinâmica de abertura e rápido fechamento instituiu-se como enquadramento comum para várias outras iniciativas levadas a cabo nesse período, a exceção foi a Rádio Nacional.

## 2.3 O surgimento da Rádio Nacional

A Rádio Nacional teve seu início marcado pela desistência de outra rádio - difusora, a Rádio Philips, que foi a quinta emissora a ser inaugurada no Rio de Janeiro. Tendo iniciado suas transmissões em 1930, a Philips representava os interesses da empresa holandesa, fabricante de discos, no mercado sul-americano. Em 1936, a mesma encerrou suas atividades radiofônicas e decidiu investir apenas na venda de aparelhos receptores de marca própria. Com isso, sua concessão foi devolvida ao governo e seu transmissor foi cedido para a instalação de uma nova emissora, seis meses depois, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

A emissora foi instalada no edifício “A Noite”, localizado no número 7 da Praça Mauá, fruto de um projeto arrojado do arquiteto francês Joseph Gire, o mesmo do Copacabana Palace. Composto por 22 andares, o prédio é considerado o primeiro arranha-céu construído na cidade do Rio de Janeiro e por muito tempo foi considerado um cartão-postal da cidade para os turistas que desembarcavam no Porto do Rio, (SAROLDI; MOREIRA, 2005).

O edifício A Noite foi construído para ser a sede do jornal homônimo, de propriedade de Geraldo Rocha. Segundo Aguiar (2007, p.15), na época em que foi inaugurado, o prédio tornou-se referência na cidade, pois, muitos escritórios instalaram-se no local tido com ponto “chique” da Cidade Maravilhosa.

A inauguração ocorreu em 12 de setembro de 1936, um sábado à noite. A data ficou marcada pela elegância e pelo selecionado público que ocupou o pequeno auditório da mais nova emissora de rádio carioca. Saroldi e Moreira descrevem o testemunho de Celso Guimarães, mestre de cerimônias e primeiro diretor da emissora carioca nos seguintes termos:

12 de setembro. Sábado. Noite de gala no 22º. Flores e perfumes raros, casacas e sedas em “*frou-frou*”. Estão presentes ministros de Estado, embaixadores, acadêmicos, senadores, deputados, prefeito do Distrito Federal e figuras representativas do *grandmonde* carioca, recebidos por uma comissão especial, da qual faz parte o locutor Aurélio de Andrade<sup>1</sup>. (REVISTA DA RÁDIO NACIONAL, n.1, ago 1950, p.226 *apud* SAROLDI; MOREIRA, 2005, p.50).

---

<sup>1</sup> Aurélio Cristino Lúcio Cabral de Andrade nasceu em 1917, na cidade gaúcha de Paraíba do Sul.. Ele foi um dos mais importantes locutores do país. Foi locutor, animador de auditório, repórter, ator de rádio. Aurélio ajudou a organizar e lançar a Rádio Nacional. Ao seu lado estava outro grande radialista: Celso Guimarães. Aurélio de Andrade faleceu em 1997. MUSEU DA TV, 2014. Disponível em: <http://www.museudatv.com.br/biografias/Aurelio%20de%20Andrade.htm>. Acesso em 08. 05. 2014.

A melodia escolhida para a inauguração da nova emissora consistiu nas notas iniciais da música “Luar do Sertão”, de autoria de Catulo da Paixão Cearense<sup>2</sup>. Celso Guimarães deu início às transmissões desta maneira:

Vinte e uma horas. Depois da característica escolhida para marcar as irradiações da emissora-caçula – as notas iniciais do “Luar do Sertão” – tenho o honroso privilégio das primeiras palavras ao microfone da PRE-8. E faço a abertura: “Alô, alô, Brasil! Aqui fala a Rádio Nacional do Rio de Janeiro!” (REVISTA DA RÁDIO NACIONAL, n.1, ago 1950, p.26 *apud* SAROLDI; MOREIRA, 2005, p.51).

A Orquestra do Teatro Municipal executou o Hino Nacional. Do palácio São Joaquim, localizado no bairro da Glória, o cardeal da cidade, dom Sebastião Leme abençoou a nova estação, no que ficou conhecido como a primeira transmissão externa da emissora. O primeiro presidente da Rádio Nacional, Cauby Araújo, agradeceu a presença dos convidados. Estava finalmente inaugurada a Rádio Nacional. A partir desse dia, inúmeros projetos e programas foram criados e desenvolvidos com grande sucesso de audiência pela Rádio Nacional. Além de radionovelas e programas de auditório e também jornalísticos, o mundo esportivo ganhou destaque nas pautas da emissora.

## 2.4 O esporte na Rádio Nacional

A primeira transmissão de um jogo de futebol realizada pela Rádio Nacional aconteceu no dia 13 de setembro de 1936, justamente a data posterior à fundação da emissora (MASSADAR, 2006). O jogo, com a locução de Oduvaldo Cozzi<sup>3</sup>, foi um Fla x Flu realizado no Estádio Álvaro Chaves. No mesmo dia transmitiu-se, ainda, informações sobre o jogo Vasco X São Cristóvão e sobre provas de atletismo e motociclismo (MASSADAR, 2006).

A Rádio Nacional foi responsável por grandes inovações no mundo dos esportes, tendo realizado um concurso com diversas pessoas ligadas a esse contexto para escolher um novo locutor esportivo da emissora (MASSADAR, 2006).

---

<sup>2</sup> Catulo da Paixão Cearense nasceu em 1963. Apesar do nome, era natural de São Luís, capital do Maranhão. Foi poeta, compositor, cantor e teatrólogo. Faleceu em 1946, no Rio de Janeiro. DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA, 2014. Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br/catulo-da-paixao-cearense>. Acesso em 08. 05. 2014.

<sup>3</sup> Foi um grande locutor esportivo nas décadas de 1940, 1950 e 1960. MUSEU DA TV, 2011. Disponível em: <http://www.museudatv.com.br/biografias/Oduvaldo%20Cozzi.htm>. Acesso em 28. 01. 2011.

O vencedor foi o técnico da seleção brasileira na Copa de 1938, Ademar Pimenta, fato que é considerado como a primeira vez que uma pessoa do esporte atuava na locução e na crônica (MASSADAR, 2006).

O esporte não teve muito espaço na programação da Rádio Nacional nos anos 1940 e 1950, pois a emissora dedicava seus horários às radionovelas, aos programas de auditório e à música popular (AGUIAR, 2007). As tardes de sábado eram destinadas ao programa César de Alencar<sup>4</sup> e ninguém ousaria tirá-lo do seu horário habitual para colocar o futebol, por isso, as competições esportivas na rádio eram aos domingos e tinha como profissionais responsáveis Antonio Cordeiro<sup>5</sup> e Jorge Curi<sup>6</sup> (AGUIAR, 2007).



Ilustração 1: No colosso do Maracanã, Cordeiro e Curi transmitem para milhões de brasileiros uma partida de futebol. Fonte: RÁDIO NACIONAL, 1956.

Em 1946, Antonio Cordeiro aumentou a audiência esportiva dos domingos com o programa “No mundo da bola”, numa época em que não existiam

---

<sup>4</sup> César de Alencar nasceu no dia 6 de junho de 1917 em Fortaleza. Apresentou na década de 1950 um dos mais importantes programas de auditório na Rádio Nacional, o Programa César de Alencar. AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007. p.120.

<sup>5</sup> Antonio Cordeiro nasceu em Recife no dia 30 de julho de 1910. Foi uma grande figura no campo dos esportes. AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007. p.119.

<sup>6</sup> Jorge Curi nasceu em Caxambu no dia 25 de fevereiro de 1920. Estreou na transmissão esportiva em 1944. MURCE, Renato. **Bastidores do rádio: fragmentos do rádio de ontem e de hoje**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 135.

experiências desse tipo. O programa apresentava resenhas dos clubes do Rio de Janeiro e era transmitido para todo o país entre às 19h e 21h (MASSADAR, 2006). O programa, que foi um dos grandes responsáveis pelo crescimento do número de torcedores dos clubes cariocas, não tratava exclusivamente de notícias sobre o futebol, mas, também, de diversas outras modalidades como o basquete, o automobilismo, o turfe e esportes amadores (MASSADAR, 2006).

A Rádio Nacional foi pioneira num interessante método de narração dos jogos, que anos mais tarde seria copiado e aperfeiçoado por outras emissoras, trata-se do sistema de narração em dupla, no qual se dividia o campo em dois setores e cada lado possuía um locutor responsável pela irradiação das jogadas (AGUIAR, 2007). Seguindo essa lógica, Antonio Cordeiro era o responsável pela irradiação das jogadas em um lado do campo, enquanto que Jorge Curi era o responsável pelo lado oposto.

O sistema duplo teve como inspiração o trio de arbitragem, mais precisamente nos auxiliares, que ficam em lados opostos. (RÁDIO NACIONAL, 1956) O ponto alto da audiência esportiva da Rádio Nacional foi a Copa do mundo de 1950, inclusive, a emissora deu assistência técnica às emissoras estrangeiras que necessitaram de auxílio (MASSADAR,2006).

Eis a razão pela qual optamos por investigar de maneira mais detida a cobertura feita pela Rádio Nacional da Copa do Mundo de Futebol de 1950, e como a mesma se posicionou, enquanto principal veículo informacional e comunicacional da época, na campanha em prol da vitória da seleção brasileira e seus reposicionamentos narrativos em face da derrota perante o selecionado do Uruguai.

### 3 A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DA FIFA

A Copa do Mundo de Futebol da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) é, sem dúvida, o evento futebolístico mais popular do mundo. A idéia de realizar um campeonato englobando diversos países partiu de Jules Rimet, presidente da entidade, após a repercussão dos Torneios Olímpicos de Futebol ocorridos em 1924 e 1928 (FIFA, 2011). Em congresso realizado em Amsterdam no ano de 1928, a FIFA decidiu promover um campeonato mundial e assim surgiu a Copa do Mundo (FIFA, 2011). O país sede da primeira edição foi escolhido em congresso realizado em Barcelona em 1929 e teve o Uruguai como vencedor. Em homenagem ao presidente Jules Rimet, o nome da taça<sup>7</sup> dada ao país vencedor, recebeu seu nome (FIFA, 2011).

O torneio é disputado a cada quatro anos e, atualmente, conta com trinta e dois participantes. Do primeiro campeonato até o último, a Copa da África do Sul, realizou-se dezenove edições. O Uruguai foi o primeiro vencedor e a Espanha é a última seleção campeã. O Brasil é o país que mais possui títulos, são cinco conquistas no total<sup>8</sup> (FIFA, 2011).

#### 3.1 A escolha do país sede da Copa do Mundo de 1950

Na década de 1940 ocorreu a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, por isso, as Copas de 1942 e 1946 foram canceladas pela FIFA, uma vez que o continente europeu não possuía condições para sediar o evento. Em 1946, em congresso realizado em Luxemburgo, a FIFA escolheu o Brasil como país sede da Copa do Mundo de 1950<sup>9</sup>. A escolha se deu porque a América do Sul não havia sido muito afetada pela Guerra e o futebol estava crescendo, em termos de popularidade, por todo o continente.

---

<sup>7</sup> A taça Jules Rimet foi concedida de forma transitória entre as seleções campeãs mundiais desde 1930. A FIFA determinou que a posse da Taça seria definitiva para o país que conquistasse pela terceira vez uma Copa do Mundo de Futebol e isso se deu no México, quando Brasil venceu a Copa do Mundo de 1970. ROZENBERG, Marcelo. **Taça Jules Rimet:** a taça que foi substituída pela Copa do Mundo. Disponível em: [http://terceirotempo.ig.com.br/quefimevou\\_interna.php?id=3194&sessao=f](http://terceirotempo.ig.com.br/quefimevou_interna.php?id=3194&sessao=f). Acesso em: 21.01.2011.

<sup>8</sup> FIFA, 2011. Disponível em: <http://pt.fifa.com/worldcup/archive/index.html>. Acesso em 27.01.2011.

<sup>9</sup> FIFA, 2011. Disponível em: <http://pt.fifa.com/worldcup/archive/edition=7/preliminaries/index.html>. Acesso em: 19.01.2011.

### 3.2 O formato de disputa do torneio

A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) começou, em 1947, uma campanha contrária à fase eliminatória, realizada após os jogos classificatórios. Em 1949, deu início a uma disputa preliminar para definir as seleções que disputariam a Copa do Mundo – o que certamente não agradou a todos (FIFA, 2010).

A Copa do Mundo de 1950 teve como formato de disputa praticamente o mesmo que vigora nos dias de hoje, com a exclusão da segunda fase, a eliminatória. Heizer (1997, p. 65) afirma que: “o sistema eliminatório foi mal elaborado e, no final, até uma estranha repescagem foi feita para completar o rol dos concorrentes com Portugal e Espanha”. Foram formados grupos com quatro seleções cada e as equipes vencedoras de cada grupo disputavam um quadrangular. Para apontar a seleção vencedora, as quatro equipes jogariam entre si e aquela que atingisse a maior pontuação, ao final dos confrontos, seria a campeã.

### 3.3 As desistências da Copa do Mundo de 1950

O evento foi marcado pela ausência de muitas seleções tradicionais. Por motivos políticos, algumas nações europeias não se inscreveram e o torneio acabou não abrigando grandes seleções como Alemanha, União Soviética e Hungria (FIFA, 2010). A seleção Argentina desistiu, numa forma de protesto, por ter sido preterida como país sede do campeonato, já a França desistiu devido ao longo deslocamento de navio que faria (LISE, 2010).

Um dos casos mais curiosos foi o da seleção indiana, que se recusou a disputar ao saber que seus jogadores não poderiam atuar descalços (FIFA, 2010). A seleção italiana foi montada às pressas, devido a um acidente aéreo<sup>10</sup> ocorrido em 1949 - que culminou na perda de sua equipe principal - e disputou o torneio por ser a atual campeã (MENDES, 2009). Para chegar ao Brasil, ainda abalada com o acidente ocorrido, a delegação italiana viajou de navio (FIFA, 2010). Quem se

---

<sup>10</sup> A equipe do Torino, até então melhor time da Itália retornava de um amistoso em Lisboa contra o Benfica quando o avião se chocou com a Basílica de Superga, próximo de Turim. Na Tragédia de Superga, 18 atletas do Torino, base da seleção italiana faleceram. MENDES, FERNANDO. O último vôo do Torino. Disponível em: [http://revistainvicto.uol.com.br/scripts/materia/materia\\_det.asp?idMateria=273&idCanal=23](http://revistainvicto.uol.com.br/scripts/materia/materia_det.asp?idMateria=273&idCanal=23) Acesso em: 20.01.2011.

beneficiou com as desistências foi a seleção uruguaia, que, por ter seu grupo desfalcado, acabou realizando apenas um jogo na fase preliminar contra a fraca seleção boliviana (HEIZER, 1997).

### 3.4 A realização da Copa do Mundo de 1950

A competição foi realizada entre os dias 24 de junho e 16 de julho de 1950 (FIFA, 2010) e teve como cidades-sedes: Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo (HEIZER, 1997). A opção por essas cidades foi feita levando-se em consideração a infra-estrutura necessária para abrigar o evento e por possuírem os melhores estádios de futebol do país àquela época (LISE, 2010).

A Copa do Mundo de 1950 contou com a participação de apenas treze equipes, sendo sete americanas e seis europeias. Heizer (1997, p.65) afirma: “convencer os europeus a viajarem para a América do Sul foi, uma missão árdua, como ocorrera em 1930, no Uruguai”. Por esse motivo, foi grande o número de desistências por parte de algumas seleções, condição que não diminuiu, para os brasileiros, a importância e a empolgação com o evento. Empolgação que, a cada dia, se ampliava em virtude da campanha do selecionado nacional.



Ilustração 2: Logo do IV Campeonato Mundial de Futebol.  
Fonte: <http://espn.estadao.com.br/historiadascopas1950>

## **4. A SELEÇÃO BRASILEIRA NA COPA DO MUNDO DE 1950**

O técnico Flávio Costa convocou 22 jogadores para compor a seleção que disputaria a competição. Em sua maioria, os atletas pertenciam aos clubes do Rio de Janeiro. Os convocados para a posição de goleiro foram Barbosa, do Vasco da Gama e Castilho, do Fluminense; para a defesa foram convocados Augusto, do Vasco da Gama; Juvenal, do Flamengo; Nilton Santos, do Botafogo e Nena do Internacional. Para o meio-campo o técnico chamou Bauer e Rui do São Paulo; Danilo Alvim, Alfredo e Eli do Amparo, do Vasco da Gama, Bigode, do Flamengo e, por fim, como homens de frente, o Brasil contou com Jair, Maneca, Chico e Ademir de Menezes, o “Queixada”, do Vasco da Gama; Friaça, do São Paulo; Zizinho, do Bangu; Baltazar, do Corinthians; Adãozinho, do Internacional de Porto Alegre e Rodrigues do Palmeiras<sup>11</sup>.

### **4.1 A campanha na Copa do Mundo de 1950**

O primeiro jogo do Brasil na Copa do Mundo de 1950 foi contra o México, em 24 de junho, no Rio de Janeiro. O técnico Flávio Costa teve que improvisar na escalação da equipe, uma vez que não pôde contar com as presenças dos contundidos Bauer, Chico e Zizinho, seu principal jogador (MUSEU DOS ESPORTES, 2011). O meia Maneca, reserva de Zizinho, entrou na ponta-direita, Ademir de Menezes foi deslocado para a meia-direita e Baltazar comandou o ataque. No lugar de Chico, entrou Friaça na ponta-esquerda e Eli substituiu Bauer. A seleção brasileira derrotou a seleção mexicana sem encontrar dificuldades pelo placar de 4x0, com dois gols de Ademir, um de Jair – único a jogar na posição correta – e outro marcado por Baltazar.

---

<sup>11</sup> Museu dos Esportes, 2011. Disponível em: < <http://www.museudosesportes.com.br/noticia.php?id=11740>>. Acesso em 21 jan. 2011



Ilustração 3: A seleção brasileira que venceu o México no primeiro confronto da Copa do Mundo de 1950. Em pé: Eli. Juvenal. Augusto. Danilo. Barbosa e Bigode. Agachados: Maneca. Ademir. Baltazar. Jair e Friaça. Fonte: MUSEU DOS ESPORTES [s.d.]

A segunda partida da nossa seleção aconteceu em 28 de junho, em São Paulo, e os suíços foram os adversários. O clima para o jogo era tenso e a expectativa era de hostilidade por parte da torcida, pois o Brasil realizou sua estréia com nove jogadores de times do Rio de Janeiro (HEIZER, 1997). O descontentamento dos paulistas pela ausência de jogadores de clubes da região se deu pelo fato de Flávio Costa, à época, ser treinador no Rio de Janeiro<sup>12</sup>. Antes da realização da Copa do Mundo, o técnico havia conquistado o título do Torneio Sul-Americano de Clubes Campeões, disputado no Chile em 1948<sup>13</sup>.

O confronto realizado no Estádio do Pacaembu deixou claro que existia uma rixa entre Rio de Janeiro e São Paulo. O técnico Flávio Costa, temendo uma reação da torcida, escalou um time misto, com mais três atletas de times paulistas – além de Baltazar e Friaça, jogaram os são-paulinos Bauer, Rui e Noronha (HEIZER, 1997). Com respeito ao prélio entre sul-americanos e europeus, o Brasil fechou o primeiro tempo do jogo vencendo por 2x1, com gols de Alfredo e Baltazar, porém, no

<sup>12</sup> Flávio Costa por ser técnico do Vasco da Gama, era acusado pelos paulistas de ser excessivamente carioca. Museu dos Esportes, 2011. Disponível em: <<http://www.museudosesportes.com.br/noticia.php?id=160>> Acesso em 21 jan. 2011

<sup>13</sup> O Sul-Americano de Clubes Campeões foi a primeira conquista internacional do futebol brasileiro. O país foi representado pelo Vasco da Gama. Globoesporte.com, 2008. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Vasco/0,,MUL350188-4283,00.html>>. Acesso em 20 jan.2011

fim da partida, a seleção brasileira levou um gol, decretando o placar final em 2x2. A seleção brasileira não rendeu o que se esperava no jogo em São Paulo, a explicação podia estar ligada à falta de entrosamento do time, uma vez que esta foi a primeira oportunidade em que os jogadores que entraram em campo atuaram juntos. (MUSEU DOS ESPORTES, 2011).

O resultado indignou a torcida e encheu-a de preocupação com relação a uma eliminação precoce numa competição em que o país era favorito. (HEIZER, 1997). Em São Paulo, os torcedores se mostraram irritados, entretanto, estavam satisfeitos pelo fato de a seleção brasileira ter disputado a partida com uma base formada por jogadores de clubes paulistas. Já no Rio de Janeiro, a situação foi completamente diversa da ocorrida na Paulicéia (HEIZER, 1997), a Embaixada da Suécia foi invadida por um grupo embriagado que quebrou os vidros das janelas e forçou a entrada para descontar nos diplomatas suecos, no entanto, tudo foi obra de uma confusão com o nome dos países. (HEIZER, 1997). Devido ao empate obtido no Pacaembu frente aos suíços, o Brasil foi obrigado a jogar pelo vitória em seu terceiro desafio na Copa do Mundo de 1950, uma vez que um novo empate determinaria sua eliminação de forma prematura (HEIZER, 1997).



Ilustração 4: O Brasil que empatou com a Suíça. Em pé: Jonhson (massagista). Rui. Barbosa. Augusto. Bauer. Noronha e Juvenal. Agachados: Alfredo. Maneca. Baltazar. Ademir. Friaça e Mario Américo (massagista). Fonte: MUSEU DOS ESPORTES [s.d.]

Em sua terceira participação no torneio, o Brasil voltou ao Rio de Janeiro para enfrentar a Iugoslávia, que vinha credenciada pelas duas vitórias nos seus confrontos realizados até o momento na competição. O jogo foi realizado no dia 1º de julho e, para essa partida, o Brasil pôde contar com um jogador que fez falta nos dois primeiros embates, Zizinho. Heizer (1997, p. 67) afirma que: “a explosão de entusiasmo daquele público misturava-se com a sensação de medo da eliminação diante do poderoso quadro iugoslavo”. O jogo válido pela segunda rodada da fase de grupos serviu para mostrar ao técnico Flávio Costa que Bauer não poderia ficar de fora da equipe e ele o escalou no lugar de Eli do Amparo (MUSEU DOS ESPORTES, 2011).

Além da mudança realizada na defesa, o Brasil foi montado com Jair na meia-esquerda e com Maneca e Chico – o último pela primeira vez na competição – nas pontas. A recuperação de Zizinho deu mais confiança a nossa seleção, que, liderada por ele, encantou a todos e assustou os iugoslavos (HEIZER, 1997). O Brasil venceu por 2x0 com gols de Zizinho e Ademir de Menezes e, assim, garantiu sua classificação para o turno final da competição. (MUSEU DOS ESPORTES, 2011). As outras seleções que disputaram o turno final foram: Espanha, Suécia e Uruguai. No grupo 2, a Espanha eliminou a Inglaterra, o Chile e os Estados Unidos, já no grupo 3, a Suécia despachou a abatida Itália e o Paraguai e, por fim, no desfalcado grupo 4, o Uruguai goleou a Bolívia e avançou na competição (HEIZER, 1997).

A primeira partida da seleção brasileira na segunda fase da Copa do Mundo de 1950 foi realizada no Maracanã, no dia 9 de julho e o técnico Flávio Costa escalou a mesma equipe que enfrentou a Iugoslávia pela fase de grupos. O jogo foi uma festa e, no encerramento do primeiro tempo, o placar anunciava 3x0 para a seleção da casa. No segundo tempo, o Brasil ampliou o número de gols e tomou um, ao final, o *score* do jogo apontou uma goleada brasileira por 7x1 diante de um público de aproximadamente 170 mil torcedores, e, simultaneamente, Uruguai e Espanha empataram em 2x2 no Pacaembu (HEIZER, 1997).

O artilheiro do jogo foi Ademir, que marcou quatro vezes, já os outros gols da seleção brasileira foram anotados por Chico – duas vezes – e Maneca. Heizer (1997, p. 68) afirma que: “os suecos, admirados com o futebol apresentado pelos brasileiros, aplaudiram Zizinho e os outros jogadores ao final da partida, em atitude extremamente esportiva”. Mesmo com boas atuações diante de Iugoslávia e Suécia, a seleção brasileira ainda era questionada quanto à sua defesa (MUSEU DOS

ESPORTES, 2011). O confronto frente ao aguerrido conjunto espanhol, conhecido como “A Fúria”, seria um teste para a defesa brasileira, pois a Espanha possuía grandes jogadores em sua linha de frente.

A seleção brasileira assistiu ao jogo entre Espanha e Inglaterra ainda pela fase de grupos e se impressionou com o futebol apresentado pelos espanhóis (HEIZER, 1997). Os ibéricos também estavam preocupados por enfrentar o Brasil, principalmente após a expressiva vitória no confronto diante dos suecos. Segundo Heizer (1997, p. 69), o zagueiro espanhol Gonçalvo II disse, à época, que os jogadores do Brasil eram onze feiticeiros.

O jogo foi realizado no dia 13 de julho, no estádio do Maracanã, e, já ao fim do primeiro tempo, a torcida fazia um verdadeiro carnaval com o marcador de 3x0 a favor da nossa seleção. Quando o Brasil marcou o quarto gol, a torcida, que lotou o estádio, começou a cantar a famosa marchinha carnavalesca “Touradas em Madri”<sup>14</sup> (MUSEU DOS ESPORTES, 2011). Ao final da partida, o Brasil venceu a Espanha por 6x1, com dois gols de Ademir de Menezes, outros dois de Chico, um de Jair e outro de Zizinho. A partir desse jogo, ninguém mais duvidava que o Brasil venceria a competição, porém, ainda tinha o jogo contra o Uruguai.



Ilustração 5: O goleiro espanhol Ramallets leva um dos gols do Brasil..

Fonte: [http://pt.fifa.com/worldcup/archive/edition=7/photo/photolist.html#512307\(2011\)](http://pt.fifa.com/worldcup/archive/edition=7/photo/photolist.html#512307(2011))

---

<sup>14</sup> Segundo Heizer (1997, p. 69): “[...] a marchinha de João de Barro, grande sucesso do carnaval de 1950.”

A partida decisiva entre brasileiros e uruguaios foi disputada no Maracanã em 16 de julho de 1950. A seleção brasileira foi recebida no gramado com fogos de artifícios e, na mesma intensidade desses fogos, ressoaram as vaias direcionadas aos adversários (HEIZER, 1997). A certeza da vitória era grande, porque, pela primeira e única vez na história das Copas do Mundo, o Brasil, por ter realizado a melhor campanha, conseguiu a vantagem do empate na decisão.

No primeiro tempo do jogo o Brasil atacou mais e o Uruguai utilizou-se dos contra-ataques como arma de jogo, mas de nada adiantou e os 45 minutos iniciais terminaram da mesma forma que começou. Veio o segundo tempo e, logo no início, o Brasil abriu a contagem com um gol de Friaça. Nesse momento, o Maracanã enlouqueceu, os jogadores se abraçaram e se amontoaram sobre o autor do gol, já os jogadores uruguaios estavam perplexos e chegaram a reclamar impedimento com o árbitro (HEIZER, 1997).



Ilustração 6: A equipe brasileira no confronto contra os uruguaios. Em pé: Barbosa, Augusto, Danilo, Juvenal, Bauer e Bigode- agachados: Mário Américo, massagista, Friaça, Zizinho, Ademir, Jair, Chico e Jonhson - massagista

Fonte: <http://desenvolvimento.miltonneves.com.br/QFL/Conteudo.aspx?ID=60719> (2011)



Ilustração 7: O Uruguai no jogo final da Copa do Mundo de 1950. Em pé: um dirigente, Obdulio Varela, o massagista, Gambetta, Juan Lopez (técnico), Tejera, Mathias Gonzalez e Másoli. Agachados: Rodriguez Andrade, Ghiggia, Perez, Miguez, Schiaffino.  
Fonte: <http://www.brasilblogado.com/historia-da-copa-do-mundo/> (2011)



Ilustração 8: O primeiro gol da partida, marcado por Friaça, que abriu o caminho para a “conquista” brasileira. Fonte: <http://desenvolvimento.miltonneves.com.br/QFL/Conteudo.aspx?ID=60719>

O Uruguai empatou a partida aos vinte e um minutos, com Schiaffino e o silêncio que tomou conta do Maracanã traumatizou os jogadores brasileiros que perderam o controle do jogo, devido ao inesperado gol de empate. A torcida, preocupada com o andamento do jogo, ficou quieta mesmo com o resultado sendo favorável à seleção brasileira. O Uruguai fez seu segundo gol aos trinta e três minutos, com Ghiggia.



Ilustração 9: O empate uruguaio. A imagem mostra o gol marcado por Schiaffino.  
Fonte: <http://desenvolvimento.miltonneves.com.br/QFL/Conteudo.aspx?ID=60719>



Ilustração 10: A virada uruguaia. O segundo gol da Celeste Olímpica foi anotado por Ghiggia, decretando assim, o fim do sonho brasileiro de ser campeão em casa.  
Fonte: <http://www.abril.com.br/noticias/esportes/derrota-brasil-uruguai-final-1950-completa-60-anos-579153.shtml>

Na saída da bola, o Brasil, apoiado pela torcida, voltou a atacar o Uruguai e o adversário armou sua defesa de forma a paralisar o brasileiro Zizinho (HEIZER, 1997). Os últimos instantes de jogo foram marcados por sucessivas tentativas brasileiras de empatar a partida, mas isso não aconteceu e o Brasil foi derrotado, decretando um silêncio absoluto nas arquibancadas. Silêncio que se reverberou por todo o país através dos microfones da Rádio Nacional, conforme veremos a seguir.

#### **4.2 A construção da expectativa pela vitória brasileira na Copa do Mundo de 1950 pelos microfones da Rádio Nacional**

A Rádio Nacional deu sua contribuição para a construção da expectativa pela vitória brasileira na Copa do Mundo de 1950 e isso pode ser constatado através dos áudios da época que a emissora possui em seu acervo.

No dia 15 de junho de 1950, ou seja, poucos dias antes do início da Copa do Mundo de 1950, o treinador Flávio Costa foi entrevistado por Manoel Barcelos<sup>15</sup> e apresentado como “o maior responsável pela atuação do time brasileiro no Campeonato do Mundo”. Com essa colocação, Manoel Barcelos não só demonstrava sua torcida pela conquista da Copa do Mundo daquele ano, como colocava nas mãos de Flávio Costa o destino da nossa seleção ao longo da competição. No decorrer da entrevista, o locutor perguntou ao treinador qual seria a influência do Estádio Municipal<sup>16</sup> no futebol do Brasil? A resposta de Flávio Costa foi a seguinte:

Eu acredito que marcará uma nova época, porque o futebol no Brasil, apesar de ser um esporte popular, por falta de comodidade ainda não conseguiu congrega grandes assistências. Nós que viajamos, nos sentimos diminuídos quando vemos aquelas assistências de 150, 120 mil pessoas no estrangeiro e aqui isso não é possível, porque não existia acomodação pra tanta gente. Entretanto, de agora em diante, nós temos o maior estádio do mundo e podemos dar um novo impulso ao nosso futebol.<sup>17</sup> (RÁDIO NACIONAL, 1950).

<sup>15</sup> Manoel Barcelos Pancinhas era gaúcho de Pelotas e nasceu no dia 13 de novembro de 1911. Seu programa ia ao ar às 10:30 das quintas-feiras. Aguiar, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007. p.125.

<sup>16</sup> O estádio nasceu Municipal do Rio de Janeiro, tornou-se Mendes de Moraes, mudou-se para Mário Filho e eternizou-se como Maracanã. SALGADO, Diego. **Veja como foi a última Copa disputada no Brasil**. Disponível em: <<http://www.copa2014.org.br/noticias/1274/VEJA+COMO+FOI+A+ULTIMA+COPA+DISPUTADA+NO+BRASIL.html>>. Acesso em: 26 jan. 2011.

<sup>17</sup> Entrevista de Flávio Costa concedida a Manoel Barcelos em 15 de junho de 1950.

O estádio do Maracanã, conforme afirma Souto (2001), foi construído especialmente para servir de cenário para a primeira vitória do Brasil em mundiais. A obra foi finalizada em tempo recorde, dois anos, e abrigou vários jogos e eventos importantes desde sua inauguração. Nele já desfilaram grandes jogadores do futebol brasileiro e internacional e, até mesmo, estrelas nacionais e internacionais da música<sup>18</sup>. Ao ser questionado se graças a Mendes de Moraes, prefeito da época, poderíamos nos orgulhar de ter o maior estádio do mundo, Flávio Costa respondeu: “Perfeitamente.”

Em outro ponto da entrevista, Manoel Barcelos perguntou ao treinador quais seriam os jogadores chave para o êxito da seleção brasileira? Essa foi a resposta dada pelo treinador:

É uma pergunta já um pouco avançada, porque já entra em certos detalhes em que nós, que somos responsáveis, temos sempre medo de abordar. Naturalmente que cada jogador representa quase sempre uma chave para a vitória. Precisamos da colaboração de todos e, portanto, seria injustiça de minha parte citar aqui determinado jogador. (RÁDIO NACIONAL, 1950).

Ao fazer esta pergunta, Manoel Barcelos, que ali representava o país no papel de torcedor, estava convicto de que o Brasil, ao fim do torneio, alcançaria o resultado máximo e se sagraria campeão mundial de futebol pela primeira vez. Tanto é assim que, Manoel Barcelos pede a atenção aos ouvintes da Rádio Nacional e pergunta a Flávio Costa se ele admitia que o Brasil poderia perder o campeonato do mundo, tendo recebido como resposta a declaração abaixo:

O esporte é sempre a luta. Na luta virá a vitória ou a derrota. Nós estamos nos preparando para ganhar, entretanto, não podemos absolutamente desprezar a hipótese dos nossos adversários, tão valorosos como nós mesmos, possam vir a levar a melhor na competição. Agora, acredito e tenho fé em Deus que a nossa vontade, a nossa condição e, com a ajuda do público do Brasil, que desde que começemos a jogar eu acredito que se tornará unânime a nosso favor, que nos não precisaremos pensar na derrota. (RÁDIO NACIONAL, 1950).

Flávio Costa, no papel de treinador da equipe, não podia de forma pública admitir a derrota na Copa do Mundo de 1950, sendo assim, para conseguir o êxito desejado pelos torcedores, a seleção brasileira teria que enfrentar seus adversários e vencê-los.

---

<sup>18</sup> SUDERJ, 2011. Disponível em: <<http://www.suderj.rj.gov.br/maracana.asp>>. Acesso em: 26 jan. 2011.

Em 15 de julho de 1950, Luiz Alberto<sup>19</sup> apresentou um boletim informativo para o programa “No mundo da bola”, com informações dos jogos que aconteceriam no dia seguinte.<sup>20</sup> Vejamos:

Aqui na capital paulista só um pensamento empolga a todos: o embate de amanhã à tarde no colosso do Maracanã, na capital da República. O choque entre brasileiros e uruguaios na finalíssima da Copa do Mundo de 1950 é o assunto obrigatório de todos em qualquer ponto da cidade: nos bares, nos escritórios, nos barbeiros, nos clubes noturnos, nas fábricas e oficinas só se fala no encontro de amanhã na capital da República [...]. (RÁDIO NACIONAL, 1950).

O trecho acima, destacado do boletim informativo, demonstra a ansiedade da torcida brasileira em relação à partida final, que iria decidir o vencedor da Copa do Mundo de 1950. Luiz Alberto seguiu com as informações:

Após a espetacular vitória dos brasileiros frente ao aguerrido conjunto espanhol, uma certeza absoluta na nossa vitória toma conta de todos. Ninguém se mostra preocupado quanto ao resultado do prélio no estádio do Maracanã. Sabem todos que o Brasil ganhará. Já estão passando de mão em mão, em todas as coletividades os tradicionais bolos para o jogo de amanhã onde os placares com muitos números prevalecem. Um ou outro menos otimista escreve um placar mais modesto [...]. (RÁDIO NACIONAL, 1950).

A certeza da vitória se tornou ainda maior, pois o Brasil havia vencido na rodada anterior uma equipe favorita ao título, a Espanha, e por goleada. A euforia, devido ao placar grandioso diante dos espanhóis, fez com que muitos torcedores acreditassem que o Brasil aplicaria outra goleada no jogo decisivo. A partida decisiva contaria com uma grande quantidade de pessoas no estádio e Luiz Alberto também relatou informações sobre os meios de transportes para a viagem Rio de Janeiro x São Paulo:

A Central do Brasil ordenou o preparo de várias composições especiais que correrão hoje à noite para o Rio, sendo que uma delas é especial para jornalistas e dirigentes esportivos da Paulicéia. As companhias de avião estão com todos os seus aviões de carreira lotados e, além disto, inúmeros aviões foram deslocados de outras linhas para levar mais passageiros de São Paulo para a capital da república. (RÁDIO NACIONAL, 1950)

O próximo trecho mostra a expectativa que foi gerada pelo jogo que iria acontecer em São Paulo. Por conta do entusiasmo dos torcedores brasileiros, o jogo em São Paulo ficou em segundo plano.

---

<sup>19</sup> Luiz Alberto era narrador e comentarista da Rádio Nacional.

<sup>20</sup> Boletim informativo para o programa “No mundo da bola” em 15 julho de 1950.

Se o prélio Uruguai x Suécia, [...] conseguiu fazer passar pelas bilheteiras de Pacaembu, apenas perto de 250 contos, temos a certeza de que amanhã talvez nem 100 contos sejam arrecadados no Estádio Municipal de São Paulo. Em face da humilhante derrota infringida aos espanhóis pela seleção do Brasil e considerando o pouco brilho da exibição sueca entre nós, é mínimo o interesse pelo prélio aqui em São Paulo. (RÁDIO NACIONAL, 1950)

O confronto entre as nações europeias em São Paulo tornou-se desinteressante devido ao jogo da seleção brasileira que se realizaria, no dia seguinte, no Rio de Janeiro:

O grosso da torcida paulista, daquela torcida que não falta a campos de futebol, deslocou-se para a capital da República como pôde à procura das emoções que lhe proporcionará o espetáculo do Maracanã. [...]. O grande público esportivo de São Paulo, naturalmente a parte que não conseguiu viajar para o Rio, preferirá ficar em casa, acompanhando através do relato de seus locutores preferidos, o desenrolar do prélio em Maracanã. (RÁDIO NACIONAL, 1950)

No dia 16 de julho de 1950, realizou-se a partida entre Brasil x Uruguai. Os brasileiros vestiam camisas brancas com golas azuis. Os uruguaios usavam o uniforme azul claro. A saída de bola<sup>21</sup>, autorizada pelo árbitro inglês George Reader, aconteceu às 14h55min. Ademir tocou para Jair, que recuou até Bauer. Na continuação da jogada, o ataque brasileiro conseguiu fazer com que a defesa uruguaia cedesse escanteio. Aos três minutos do primeiro tempo o Brasil já havia obrigado o goleiro uruguaio – Máspoli – a fazer duas defesas.

O Brasil dominou o primeiro tempo desde o início. Os uruguaios se contentavam em atuar nos contra-ataques. O primeiro ataque uruguaio aconteceu aos 7 minutos, quando Bigode fez falta em Ghiggia. Ele mesmo cobrou, porém sem sucesso. Na sequência da jogada, Obdulio Varela chutou, mas Bauer afastou a bola.

Em função do domínio das ações brasileiras no primeiro tempo da partida, a torcida acreditava em um jogo com muitos gols. Contudo, apesar de serem dominados em campo, quando atacavam os uruguaios ofereciam perigo ao gol defendido por Barbosa. Um lance próximo do final do primeiro tempo mostrava ao Brasil que os uruguaios, apesar de respeitar o adversário, venderiam caro o

---

<sup>21</sup> A Rádio Nacional só autoriza a gravação de partes do seu acervo. Logo, não pude obter o jogo em sua totalidade. O áudio utilizado como objeto da pesquisa é o do segundo tempo da partida. Foi durante a segunda etapa do jogo que aconteceram os gols e decretaram o campeão mundial de 1950. Para ilustração do primeiro tempo foi utilizado o livro: HEIZER, Teixeira. **O jogo bruto das copas do mundo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1997. p. 84-86.

resultado da partida. Segundo Heizer, (1997, p.85), a defesa do Brasil se mostrava insegura, tanto é assim que, faltando seis minutos para o fim da primeira etapa, Bauer rebateu a bola do ataque uruguaio com uma cabeçada e, na sobra, Miguez chutou e acertou a trave de Barbosa.

Os últimos minutos do primeiro tempo se sucederam de ataques alternados entre as duas seleções, mas nenhum lance de perigo. Às 15h40min, o árbitro inglês apitou o final do primeiro tempo, sem aplicar tempo adicional. O placar se manteve o mesmo do início da partida. O resultado daria o título ao Brasil. Restavam apenas mais 45 minutos para a alegria se instaurar de vez entre o grande público que estava no Maracanã acompanhando a partida decisiva.

No intervalo do primeiro para o segundo tempo, Pilar Drummond, jornalista esportivo da Rádio Nacional, teceu seus comentários sobre o que ocorreu na peleja durante os primeiros quarenta e cinco minutos. O jornalista confiava na vitória brasileira e terminou o seu comentário dessa forma:

Eu concludo o meu comentário dizendo que a jornada do segundo tempo deve ser também difícil para os brasileiros, mas a minha – não é esperança –, a minha convicção é de que os brasileiros já estão senhores da tática de jogo dos uruguaios e voltarão para o gramado devidamente instruídos pelo técnico para adotar um sistema de jogo pelo menos para fugir à marcação de homem pra homem. (RÁDIO NACIONAL, 1950).

Antes do início do segundo tempo, ouviram-se fogos de artifícios estourando ao fundo dos microfones da Rádio Nacional. O locutor Antonio Cordeiro passou informações relativas ao lucro obtido com a venda de ingressos do jogo no Maracanã.<sup>22</sup>

Batido outra vez, no estádio municipal, o recorde mundial de arrecadação porque 6 milhões 272 mil e 959 cruzeiros representam, inclusive, muito mais daquilo que os cálculos mais otimistas da tesouraria da Confederação haviam antecipado para a reportagem. Acima de 5 milhões e 800 mil, que era o cálculo máximo feito pela tesouraria. Entretanto, como houve super lotação, tanto nas gerais, como nas arquibancadas, foi permitido um número suplementar de venda de ingressos que chegou a cifra de 6 milhões 272 mil e 959 cruzeiros a arrecadação de hoje, onde 172 mil 772 pessoas pagaram ingresso. Fora, naturalmente, aquelas que aqui estão com entradas de serviço, com permanente, com funções oficiais e que nos dá aquele cálculo aproximado apresentado pela nossa reportagem de 180 mil espectadores. (RÁDIO NACIONAL, 1950).

Iniciou-se o segundo tempo com a saída de bola dos uruguaios. O Brasil partiu para cima do adversário e pouco tempo após o reinício de jogo, Zizinho

---

<sup>22</sup> Segundo tempo da partida entre Brasil x Uruguai realizada em 16 de julho de 1950.

chutou em gol para a defesa do goleiro uruguaio Máspoli. A consequência da pressão brasileira não tardou a aparecer. Logo no primeiro minuto aconteceu o primeiro gol da partida, Antonio Cordeiro irradiou o gol brasileiro marcado por Friaça dessa forma:

Chutou Máspoli na direção do centro da cancha. Vai o couro na direção de Augusto que cabeceia. Na ponta-direita para Friaça que lutou contra Rodrigues Andrade. Perdeu, mas Zizinho recupera [...] vem o brasileiro para o ataque com Ademir servido na entrada da área. Empurrou para Friaça. Atenção! Entrou na área. Atirou. Gol! Gol brasileiro. Friaça. Gol brasileiro. Friaça. Estão reclamando. Estão reclamando os uruguaios impedimento de Friaça. Não houve impedimento. Não houve impedimento. Obdúlio Varela vai agora chorar lá com Mr. Ellis. Vai Augusto, entretanto, fiscalizar a conversa de Obdúlio com o bandeirinha. Importunado o bandeirinha Mr. Ellis por Obdúlio Varela que quer o impedimento a todo custo. Gol de Friaça a um minuto do segundo tempo. (RÁDIO NACIONAL, 1950).

Após o gol do Brasil, mais fogos de artifícios foram ouvidos. O locutor Jorge Curi, em alguns lances, chegava a apresentar a voz embargada, provavelmente devido à emoção do jogo e da proximidade do título. O jogo então seguiu com alguns lances de ataque para ambas as equipes, porém, com mais lances a favor do Brasil. A torcida fazia festa e cantava: “Brasil, Brasil, Brasil!”

Pouco depois dos quatro minutos de jogo, o ponta-direita uruguaio Ghiggia sofreu falta em uma disputa com Bigode e Juvenal. Jorge Curi narrou assim o lance:

Vai cobrar Obdúlio Varela. A seis metros do limite perigoso da área brasileira. Todo o quadro do Brasil na defesa! Todo o quadro do Brasil na defesa! Nenhum homem no ataque brasileiro. Prepara-se Obdúlio Varela. Momento de sensação: ganha o Brasil por um tento a zero. Cobrou Obdúlio para a esquerda. Pula Schiaffino. Entra Danilo sensacional e desarma agora Schiaffino à boca do gol. (RÁDIO NACIONAL, 1950).

O locutor Jorge Curi enfatizou sobre a presença dos jogadores brasileiros na defesa no momento da falta para o Uruguai. Isto demonstra o compromisso tático dos jogadores em campo e, também, o auxílio à defesa do Brasil na manutenção do resultado favorável. Curi chega a vibrar no instante do desarme preciso de Danilo usando o adjetivo sensacional para qualificar a intervenção feita pelo jogador do Vasco da Gama.

Em desvantagem no placar e precisando correr atrás da vitória, os uruguaios começaram a exercer uma forte marcação sobre os jogadores do Brasil, muitas vezes, cometendo faltas duras. Em um ataque do Brasil, Ademir sofreu falta e Antonio Cordeiro indicou as condições em que os celestes atuavam:

Entra Ademir, desarma Júlio Pérez e vai para o ataque. Deu em profundidade para Chico. Chico para Ademir. Vai se progredindo Ademir. Ademir infiltrou-se pela área. Entra sobre ele Matías González e o derruba. Caído na área Ademir. Entrada dura de Matías González. Interrompida a peleja para ser socorrido Ademir que ficou caído no solo. Matías González entrou para desarmar o *center forward* brasileiro (RÁDIO NACIONAL, 1950).

Exercendo a função de repórter de campo, César de Alencar foi chamado por Antonio Cordeiro que, devido a sua melhor localização no Estádio Municipal, deu o seu parecer sobre o lance.

Senhores ouvintes, o lance foi [...] de uma violência a toda prova. Aliás, diga-se de passagem, a defesa uruguaia, assim que os jogadores brasileiros penetram na área, são de uma dureza à toda prova. Temos observado lances aqui do nosso posto de observação que absolutamente não fazem parte do futebol. (RÁDIO NACIONAL, 1950).

Jorge Curi, após uma investida de ataque uruguaio indica a condição de vantagem do Brasil na partida.

Defesa segura de Máspoli que passou com as mãos até Julio Pérez. Julio Pérez está na posição de meia-direita. Prepara a investida. Tem pela frente agora Jair. Vai arrancando e deu na ponta-direita para Ghiggia. Recebeu o ponteiro-direito do Uruguai. Atraiu Bigode. [...] Ghiggia conseguiu passar a pelota, mas ficou com o jogador do Brasil. Bigode então atrasou a pelota para Danilo e Danilo atrasou a pelota para Barbosa. Ganhando tempo os jogadores do Brasil. Um a zero para as cores nacionais. (RÁDIO NACIONAL, 1950).

Uma vez que o resultado era favorável, a seleção brasileira segurava a bola e deixava o tempo passar em alguns momentos. Os ataques das duas equipes não se mostravam perigosos. As investidas da seleção uruguaia na partida eram bem controladas pelos brasileiros em campo e tudo indicava que a confirmação do resultado vitorioso para a nossa seleção era apenas uma questão de tempo.

Contudo, em um cruzamento de Ghiggia aos vinte e cinco minutos, o Uruguai conseguiu empatar a peleja por intermédio de Schiaffino. Jorge Curi narrou assim o gol do adversário:

Bola nas imediações da área do Brasil. Cabeceou Julio Pérez sobre Danilo. Entrou Juvenal agora. Falhou também, mas Bigode rebateu firme para o centro da cancha. Bola para Gambetta. Gambetta para Julio Pérez na direita. Avança Julio Pérez. Continua progredindo. Atraiu Danilo. Perdeu para o centro médio. Recuperou Julio Pérez. Bateu Jair e entregou a Obdúlio. Obdúlio abriu na ponta-direita para Ghiggia. A pelota chegou ao seu destino. Bigode tenta o carrinho. Falhou. Bola para Ghiggia. Centrou a boca do gol. Emendou Schiaffino. Gol do Uruguai. Gol do Uruguai, Schiaffino. Gol do Uruguai, Schiaffino. (RÁDIO NACIONAL, 1950).

Por sua vez, Antonio Cordeiro fez o seguinte comentário a respeito do lance que empatou a partida:

Vinte minutos e meio de luta pelo meu Omega. Empatada a peleja. Vão sair novamente os atacantes brasileiros. Uma boa combinação do ataque uruguaio que terminou com a conquista do tento do empate por intermédio de Schiaffino. Falhou Bigode na luta contra Ghiggia. Entrou e conseguiu centrar rasteiro à boca da meta. Um centro preciso. Entrou Schiaffino que se deslocara da meia-esquerda para a meia-direita e emendou marcando. Um a um, empatada a peleja. (RÁDIO NACIONAL, 1950)

Os brasileiros deram a saída e, dessa forma, a partida ganhou em emoção. O resultado, ainda assim, era a favor do Brasil, que, por ter vencido os dois jogos anteriores, contra um empate e uma vitória do Uruguai, conseguiu o direito de jogar pelo empate na terceira partida (SOUTO, 2001). Ninguém esperava que o adversário conseguisse marcar um gol. Após o empate dos uruguaios os jogadores da nossa seleção acusaram o golpe, como se diz no boxe, e aparentavam terem ficado sem ação. Em lance de ataque do Brasil, Antonio Cordeiro fez essa afirmação:

Empatada a peleja. Aumentada, portanto, a emoção! Bola em poder de Julio Pérez que está lutando contra Bauer. Perdeu para Jair. Jair combinou com Bauer outra vez. Bauer então domina a pelota e entrega na direção de Zizinho. Zizinho lutou contra um adversário e deu para Bauer novamente. Vai levando Bauer. Bateu agora Gambetta. Perdeu para Rodriguez Andrade. Vai recuperar Zizinho. Recuperou. Serviu Bauer outra vez. Vai levando Bauer. Aplicou uma finta. Luta ainda contra Moran. Empurrou então o couro para Friaça. Mal feito o passe. Bola fora pela lateral. Caiu um pouco a produção do quadro brasileiro a essa altura. Ainda não está inteiramente refeito do golpe causado pelo gol do empate. (RÁDIO NACIONAL, 1950).

O Brasil teve seu rendimento alterado a partir do gol de empate e, por consequência, o Uruguai passou a ameaçar mais o gol de Barbosa. O ponta-direita uruguaio Ghiggia era o principal jogador uruguaio e a principal ameaça à meta brasileira. Quando estava com a bola a seus pés, o camisa 7 celeste causava alvoroço na defesa do selecionado nacional. Em muitos lances, levou a melhor sobre nossos defensores. Quase sempre conseguia sofrer uma falta ou alçar a bola na área brasileira. O locutor Jorge Curi chamou atenção para a disputa Bigode x Ghiggia em um lance perigoso de ataque dos uruguaios.

Bola em circulação com os uruguaios no ataque por intermédio de Ghiggia. Luta com Bigode dentro da área. Bigode rebateu fraco. Recupera Ghiggia. Executa o centro. Cabeceou Schiaffino para Moran. Augusto o desarmou quase à boca do gol do Brasil. Vai correndo para a lateral. Luta com Schiaffino e deixa a pelota sair de campo. Lateral pro Uruguai. Bigode hoje

está tendo um páreo duríssimo com esse ponteiro do Uruguai que é Ghiggia. (RÁDIO NACIONAL, 1950).

A seleção brasileira levou o gol da virada num lance de falta a favor no meio-campo. Jogada que foi narrada da seguinte maneira pela dupla de locutores da Rádio Nacional:

Segundo tempo: um a um no marcador. Vai cobrar Juvenal a falta contra a equipe do Uruguai. Prepara-se Juvenal. Ainda não cobrou. Demora-se bastante a cobrar o zagueiro, esperando que seus companheiros se coloquem. Cobrou agora Juvenal direto sobre a área. Salta Chico e não alcança a bola. Mas ficou ainda no campo contrário. Cruzou à boca da meta. Aliviou Gambetta. Vem para Bauer. Bauer aparou o couro no peito. Tentou passar por um contrário. Atrasou para Jair. Jair então infiltra-se. Empurrou o couro. Defendeu Tejera. Voltou para Danilo. Danilo perdeu para Júlio Pérez que entregou imediatamente na direção de Míguez. Míguez devolveu a Júlio Pérez que está lutando contra Jair ainda dentro do campo uruguaio. Deu para Ghiggia. Ghiggia devolveu a Júlio Pérez que dá em profundidade ao ponteiro direito. Corre Ghiggia. Aproxima-se do gol do Brasil e atira. Gol! Gol do Uruguai. Ghiggia. Segundo gol do Uruguai. Dois a um, ganha o Uruguai. (RÁDIO NACIONAL, 1950).

A virada aconteceu aos trinta e três minutos da segunda etapa, ou seja, o Brasil tinha pouco mais de dez minutos para conseguir marcar pelo menos o gol de empate e, assim, ficar com o título. A partir do momento em que o Uruguai conseguiu virar o placar da partida, o Brasil passou a pressionar os adversários e estes a tentar assegurar o resultado que lhes era favorável. A pressão exercida pela nossa seleção ocorreu de forma desordenada e desesperada. O Uruguai, de forma inteligente, passou a tocar a bola e gastar o tempo até o apito final. O último lance e o final da partida foram narrados por Antonio Cordeiro dessa forma:

[...] Corner contra o Uruguai no último instante da luta. Terminou o tempo [...] e vai agora um corner contra o Uruguai. Há descontos ainda. Cobrou Friaça. Cabeceou Jair. Marcou o juiz, entretanto, o final da peleja. Terminou o jogo com a vitória do Uruguai. Uruguaios campeões mundiais de futebol de 1950. Reconquistando o título que haviam obtido em 1930 e perdido depois para a Itália. (RÁDIO NACIONAL, 1950)

Sinal de premente desolação que, somados aos demais enquadramentos acionados no decorrer desse tópico, nos permite observar como a Rádio Nacional, o principal veículo informacional e de comunicação do país na época, constituiu uma narrativa centrada em torno da conquista do título da Copa do Mundo de 1950 pela seleção brasileira. Seus profissionais, especialmente a dupla de locutores, ao mesmo tempo em que exerciam suas funções dentro da emissora, também se deixavam levar pela emoção e pela paixão de torcedor. Essa emoção pode ser

considerada normal se for levado em conta que a Copa do Mundo foi realizada em nossa casa, que o futebol estava se popularizando no país, que a seleção brasileira não possuía nenhum título mundial de futebol, que o país passou por transformações na rede hoteleira, turística e em diversos outros setores estruturais, até culminar na principal delas, a construção de um estádio gigantesco para a coroação da equipe brasileira. Sem mencionar que o Brasil tinha uma equipe superior a do seu último adversário e vinha credenciado por goleadas contra espanhóis e suecos.

Nesses termos, o áudio do jogo torna claro que os microfones da Rádio Nacional, além de criarem em seus ouvintes a expectativa pela vitória, mostraram também, como foi a consolidação da derrota brasileira. Veremos abaixo, de maneira mais detida, como esse se deu concretamente.

#### **4.3 A concretização da derrota brasileira**

Após o final da partida, a tristeza do público presente no Maracanã ressoou para além do Estádio Municipal, afinal de contas todos acreditavam em uma vitória brasileira. Coube ao locutor Antonio Cordeiro as primeiras palavras após o insucesso da seleção da casa em campo. Assim, ele o fez:

Desolação natural da torcida aqui no Estádio do Maracanã. Porque na realidade foi uma peleja brilhantemente disputada e onde a seleção brasileira, em nenhum momento correspondeu à expectativa dos aficionados. Embora lutando com bastante desembaraço e com bastante entusiasmo, a seleção brasileira não conseguiu render diante dos uruguaios àquilo que se esperava. (RÁDIO NACIONAL, 1950)

Ao finalizar seu comentário, Antonio Cordeiro chamou César de Alencar a fim de que este trouxesse informações do gramado. Em seguida, o repórter de campo noticiou:

Muito bem, Cordeiro. Embora nos falte ânimo e entusiasmo diante da desolação que vemos nos jogadores brasileiros. Agora vamos chegando bem aos pés de Danilo que chora copiosamente no centro do gramado, mal se conformando com esse resultado que ninguém esperava. Danilo chora copiosamente aqui no centro do campo. Os outros jogadores já foram todos para dentro do vestiário. Não há mais nenhum jogador brasileiro por aqui. Enquanto isso, os uruguaios se regozijam e agora estão sendo, naturalmente, ovacionados pelos seus compatriotas de jornada. Continue, Cordeiro. Não tenho palavras. Por favor! (RÁDIO NACIONAL, 1950)

Antonio Cordeiro anunciou que o locutor Jorge Curi, responsável pela transmissão dos lances de ataque celeste faria a análise dos jogadores uruguaios que atuaram no segundo tempo. Jorge Curi disse:

Senhoras e senhores ouvintes, a equipe Uruguai apresentou um ataque com uma ala direita verdadeiramente excepcional, principalmente nesta etapa complementar. Ghiggia e Júlio Pérez jogaram um futebol maravilhosamente bem, principalmente o meia, que foi indiscutivelmente um dos melhores homens da cancha e, porque não dizer, talvez o maior homem dentre os vinte e dois, fazendo uma partida como há muito não víamos jogar. (RÁDIO NACIONAL, 1950)

Antonio Cordeiro interrompeu Jorge Curi. Seria entregue a taça Jules Rimet ao campeão. Contando com a presença de intrusos e curiosos, iniciou-se a cerimônia de entrega. O repórter César de Alencar informou os detalhes da entrega:

Muito bem ouvintes da Rádio Nacional, estamos aqui acompanhando a cerimônia da entrega da taça Jules Rimet ao capitão do time Uruguai e suas autoridades. Voltaram mais alguns jogadores a campo para receber a taça Jules Rimet. [...] o presidente da FIFA e patrono do troféu que está sendo entregue agora aos dirigentes da Federação Uruguia de Futebol, vencedores do Campeonato Mundial de Futebol, o IV Campeonato do Mundo em 1950 e que teve seu desfecho hoje no Estádio Mendes de Moras. Podemos ver quase todos os jogadores uruguaios agora que vão se alinhar em fila indiana para formar em frente à tribuna de honra do Estádio Mendes de Morais a fim de receber o troféu, que é a taça Jules Rimet, como campeões do mundo em 1950. Enquanto isso está formando agora em fila indiana, o *scratch* uruguio vencedor do brasileiro pelo *score* de dois a um. [...] Está formando em fila indiana agora os jogadores uruguaios para receber a taça Jules Rimet, em poder da Itália no último campeonato [...] de maneira que volta a taça Jules Rimet aos campeões de 38<sup>23</sup>, isto é, ao time Uruguai. (RÁDIO NACIONAL, 1950)

---

<sup>23</sup> Os campeões em 1938 foram os italianos e não os uruguaios.



Ilustração 11: O presidente da FIFA, Jules Rimet entrega a taça de campeão ao uruguaio Obdulio Varela. Fonte: <http://pt.fifa.com/newscentre/photogallery/gallery=1205081.html#1159735>

Estava encerrada a Copa do Mundo de 1950. O Brasil frustrou sua torcida e os uruguaios fizeram a festa em nossa casa. A Rádio Nacional do Rio de Janeiro, através de seus profissionais, transmitiu a tristeza do público que estava no jogo. Os profissionais da Rádio Nacional levaram até aos ouvidos do público suas próprias impressões e sentimentos em relação à derrota brasileira.

Com a análise do áudio do pós-jogo, vemos a importância do rádio como veículo disseminador de informação e formador de opinião. Através da fala dos locutores, repórteres e comentaristas nos deparamos com duas narrativas dicotômicas que se irradiaram por todo o país: a eminência da vitória brasileira e a concretização da derrota frente aos uruguaios, não por acaso, César de Alencar ficou sem palavras e Antonio Cordeiro usou o termo desolação para definir o sentimento dos que ali estavam.

Após a audição do conteúdo, compartilho, ainda nos dias atuais, o sentimento vivenciado por eles e por todos os ouvintes que os escutavam via Rádio Nacional, um sentimento de profunda tristeza. Mas como o Brasil pôde perder em casa um campeonato que todos asseguravam já estar ganho? É o que veremos adiante.

#### 4.4 Fatores que culminaram na derrota do Brasil diante do Uruguai

Após a goleada brasileira sobre a Espanha, Flávio Costa decidiu transferir a concentração da Barra da Tijuca para o Estádio de São Januário<sup>24</sup>, com a finalidade de deixar os jogadores dentro do clima da decisão. Com a mudança, a presença de visitantes para tirar fotos, pegar autógrafos e fazer visitas ao alojamento dos jogadores se tornou uma constante. O clima era de festa pelo campeonato que o Brasil iria conquistar e, por isso, presentes como relógios e pulseiras de ouro chegavam a todo o momento para os futuros campeões do mundo (HEIZER, 1997). Na véspera da partida decisiva, após um almoço de confraternização, no qual as esposas dos atletas foram convidadas a participar, os jogadores tiveram sua tarde livre para terem relações sexuais com suas esposas. O técnico Flávio Costa recordou a passagem:

Permiti ao Juvenal sair também. Sabia que ele queria fuçar. Era amigado com uma mulata bonita. Não me lembro o nome dela. Olha, Juvenal, vou te dar a condição de casado. Soube, mais tarde, que ele voltou atrasado e embriagado. Tinha dado um vexame [...] até vomitar, ele vomitou. [...] Fiquei uma fera. [...] Pedi ao médico para que o examinasse. Ele estava alcoolizado. (Flávio Costa *apud* HEIZER, 1997, p.70-71).

O treinador perdeu, então, a confiança no atleta, pensou em escalar outro em seu lugar, mas, como Juvenal não apresentou falhas na partida diante dos espanhóis, ele não foi sacado da equipe (HEIZER, 1997). Na manhã do jogo final, os jogadores, que mal dormiram, tiveram que atender a compromissos políticos com dois candidatos à presidência e, dessa forma, não havia controle sobre a entrada dos penetras (HEIZER, 1997).

Ao deixar o estádio de São Januário em direção ao palco da decisão, o ônibus da seleção brasileira teve que desviar da multidão na rua, que, eufórica com a proximidade da conquista, chegava perto do veículo e gritava: *É campeão, é campeão*. A esta altura, para a torcida, o título era questão de horas, consenso que não se visualizava entre os jogadores. Dentro do ônibus, eles não se mostravam satisfeitos com a festa promovida de forma antecipada pela torcida e pela imprensa brasileira. Ademir, em conversa com o goleiro reserva Castilho, chegou a proclamar:

---

<sup>24</sup> Fundado no dia 21 de abril de 1927, o Estádio Vasco da Gama acabou ficando mais famoso como São Januário, que é o nome de umas das principais ruas que levam ao estádio. Clube de Regatas Vasco da Gama, 2011. Disponível em: [http://www.crvascodagama.com/index.php/clube/sao\\_januario](http://www.crvascodagama.com/index.php/clube/sao_januario). Acesso em 26. 01.2011

“Futebol se ganha em campo” (HEIZER, 1997, p. 75). Por sua vez, o jogador Zizinho, ainda no ônibus, fez um pedido a seu treinador:

Pedi ao seu Flávio que evitasse a invasão do vestiário. Tínhamos que descansar depois daquele show político de São Januário. Ultrapassamos um batalhão de fotógrafos e radialistas que insistiam em chegar até o vestiário. O prazer que o futebol nos dava desaparecia com aquela loucura. A seleção brasileira conseguiu entrar nos vestiários, sendo que a porta foi trancada com dificuldade e os jornalistas e penetras foram retirados do local com a ajuda do policiamento (HEIZER, 1997, p.76).

Antes do início da partida, o então prefeito, Ângelo Mendes de Moraes, foi ao centro do gramado e exigiu a conquista do título em contribuição à construção do estádio do Maracanã:

Vós, brasileiros, a quem considero os vencedores do Campeonato Mundial! Vós, jogadores, que a menos de poucas horas sereis aclamados campeões por milhões de compatriotas! Vós, que não possuís rivais em todo o hemisfério! Vós, que superais qualquer outro competidor! Vós, que eu já saúdo como vencedores! [...] Cumpri minha promessa construindo este estádio. Agora, façam o seu dever, ganhando a Copa do Mundo. Jogadores do Uruguai: o desporte no Brasil os saúda com o coração aberto! Jogadores do Brasil: 52 milhões de brasileiros esperam pelo título mundial! Não frustrem essa esperança! (PERDIGÃO, 2000 *apud* SOUTO, 2001, p.9)

Discurso e depoimentos que tornam possíveis salientar alguns fatores que levaram ao Brasil a sair derrotado na partida contra o Uruguai, entre os quais destacamos: a mudança do local de treinamento, as freqüentes visitas de pessoas para tirar foto, pegar autógrafo ou mesmo levar presentes, a falta de comprometimento e abuso alcoólico de Juvenal, a noite mal dormida na véspera da grande decisão e o otimismo causado na torcida por conta das belas exibições que a seleção brasileira havia praticado em partidas anteriores.

Devido ao resultado negativo obtido pelo time brasileiro no Maracanã, a torcida elegeu alguns jogadores do selecionado como os responsáveis pela nossa derrota. Veremos a seguir quem foram esses jogadores e sobre qual deles foi dada a maior parcela de culpa.

#### 4.5 Os culpados pela derrota do Brasil

Após a derrota brasileira, três pessoas tornaram-se alvo da torcida e foram apontadas como os responsáveis pelo vice-campeonato do Brasil, são elas: o técnico Flávio Costa, o goleiro Barbosa e o zagueiro Bigode.

Segundo Heizer (1997, p.95), “Flávio Costa foi o técnico de maior reputação do Brasil”. Foi jogador do Flamengo no período de 1939 a 1946 e virou treinador de futebol. Realizou trabalhos notáveis em diversos clubes cariocas, tais como: Flamengo, Vasco da Gama, América, Bangu e Portuguesa. Treinou também clubes de São Paulo e do exterior. Como técnico da seleção brasileira, conquistou alguns títulos, mas o ponto alto da carreira seria a Copa do Mundo de 1950, que perdeu para o Uruguai.

Conforme já mencionado, a escolha de Flávio Costa para ser o técnico da seleção brasileira havia desagradado aos paulistas. Explica-se: era um técnico carioca dirigindo o selecionado brasileiro. A base da equipe era composta em sua grande maioria por jogadores que defendiam os clubes do Rio de Janeiro. Sobre essa reclamação, o treinador disse:

Os paulistas reclamaram muito porque a base era carioca. Mas, naquele momento, aqui se encontravam os melhores jogadores do país, ainda que fossem de origem mineira, gaúcha, paulista ou nordestina. Eu tinha que aproveitar o conjunto existente entre alguns jogadores que já se conheciam bem nos clubes e na seleção carioca. (HEIZER, 1997 p.96).

Para além de Flávio Costa, as pessoas que se encontravam no fatídico dia no Maracanã, inclusive os membros da imprensa e os repórteres da Rádio Nacional, associaram a Bigode e Barbosa a culpa pela derrota. Não citaram Juvenal, por não encontrarem a falha do zagueiro central na cobertura, ou por não entenderem de táticas o suficiente para perceberem o erro.

Segundo Heizer (1997, p.95), Bigode, alcunha de João Ferreira, foi um jogador vigoroso, valente e aplicado na posição de lateral-esquerdo. Foi atleta do Fluminense entre 1943 e 1949 e depois, se transferiu para o Flamengo, onde ficou até 1955. Juvenal, companheiro de Bigode na defesa brasileira chegou a acusá-lo como culpado dizendo: “O Bigode foi driblado fora da área pelo Ghiggia em lances fáceis”. Bigode, por sua vez, afirmou que Juvenal deveria ter feito a cobertura e desmente que tenha sido driblado. Bigode se defendeu argumentando: “Fui batido

na corrida porque eu estava de costas, preocupado com Júlio Pérez. A distância entre Juvenal e Ghiggia talvez fosse menor do que a que nos separava”. (Heizer, 1997, p.95).

Bigode ficou perdido depois da Copa do Mundo. Não podia entrar em campo que era vaiado. Zizinho explicou como a derrota no jogo frente aos uruguaiois afetou a vida de Bigode dizendo:

Ele vivia escondido. Não aparecia em público. Aí fiz um churrasco lá em casa e o convidei. Ele relutou. Insisti que fosse porque, se alguém falasse de futebol, expulsaria da festa. Bigode foi e gostou. Ele mesmo conversou sobre futebol. Mas, até hoje, guarda a mágoa pelos que o atacaram injustamente. (HEIZER, 1997 p.97).

Para o técnico Flávio Costa, Juvenal foi o culpado. Ele justificou sua opinião dizendo: “Esse cara (Juvenal) foi que atrapalhou tudo. O fato de Bigode ser batido na jogada não tem importância nenhuma, porque a defesa não se faz só com marcação, mas, também, com cobertura. Não seria possível o Ghiggia correr 30 metros sem ninguém interceptá-lo. “Ele fez isso três vezes”. Heizer (1997, p.96-97). Zizinho, craque do Bangu, complementou a opinião do técnico Flávio Costa afirmando: “[...] O que faltou foi a cobertura de Juvenal, nos dois lances”. Heizer (1997, p.97).

No entanto, quem mais sofreu com a derrota no jogo decisivo foi o goleiro Barbosa. Apesar de ter praticado algumas defesas importantes na partida, Barbosa foi acusado de levar um “frango” no segundo gol dos uruguaiois e, conseqüentemente, considerado o vilão da história. Segundo Heizer (1997, p.95) “Moacyr Barbosa foi um goleiro de estilo irretocável, colocação perfeita e segurança absoluta nas mãos, além de veloz em seus saltos de felino”. O goleiro, que defendeu a seleção brasileira por 36 vezes, jogou a maior parte de sua carreira no Vasco da Gama e terminou a carreira, com 41 anos, no Campo Grande, clube de futebol do Rio de Janeiro (HEIZER, 1997). Apesar de suas qualidades e de seus números, Barbosa foi considerado o culpado por ter falhado no lance do segundo gol uruguaio. Para Zizinho, houve injustiça com Barbosa e o maior craque daquela seleção justificou sua opinião da seguinte forma:

O Barbosa fez tudo com correção. No gol do Schiaffino, ele fechou o ângulo e o Ghiggia cruzou aberto para a cabeçada. Ora, no segundo lance, o Barbosa pensou certo. Entendeu que Ghiggia ia repetir o lance e lançar aberto para Schiaffino. O goleiro, então, afastou-se e adotou a posição ideal para cortar o centro. Aí, Ghiggia jogou entre a trave e ele. (HEIZER, 1997 p.97).

A derrota para o Uruguai dentro do Maracanã foi uma das maiores decepções esportivas do Brasil e Barbosa saiu do gramado como o vilão. Segundo Costa (2008, p.84), o gol levado por Barbosa aos trinta e três minutos do segundo tempo marcou sua trajetória como atleta e contra a lembrança desse instante ele teve que conviver pelo resto de seus dias. Certa vez, Barbosa contou que, alguns anos após a partida Brasil x Uruguai, uma mulher ao vê-lo comentou com os filhos: “Esse é o homem que fez o Brasil chorar”.

Eternamente marcado como o grande culpado pela derrota brasileira, sua carreira durou mais doze anos. O último jogo de Barbosa foi um Madureira x Campo Grande disputado no dia 08 de julho de 1962 na rua Conselheiro Galvão. Mesmo tendo uma carreira gloriosa no Vasco da Gama e na seleção brasileira, a lembrança da tragédia de 1950 lhe acompanhou até o fim de sua vida.

Em 1994, Barbosa foi à concentração da seleção brasileira, em Teresópolis, fazer uma visita e levar incentivo aos jogadores que se preparavam para a disputa da Copa do Mundo dos Estados Unidos, tendo sido, na ocasião, proibido de entrar com a justificativa de que dava azar (HEIZER, 1997). Após ser impedido de entrar, Barbosa afirmou: “A pena máxima no Brasil é de 30 anos. Estou sendo punido há 44 anos.”

Magoado com mais uma recepção negativa e com dificuldades para manter sua casa no Rio de Janeiro, Barbosa resolveu se mudar para uma pequena cidade do litoral paulista. Segundo Costa (2008, p.85), é muito provável que Barbosa tenha partido em busca de anonimato, já que a pena que lhe foi aplicada em 16 de julho de 1950 foi dura demais. Barbosa viveu por lá durante alguns anos até falecer em 2000.

Apontar Barbosa como culpado pode ser considerado fácil demais, sobretudo devido à posição que jogava, era o único que não poderia falhar. Para a grande maioria, falhou. Fato é que depois daquele jogo, sua vida nunca mais foi a mesma e Barbosa ficou eternizado como o símbolo da maior derrota do futebol da seleção brasileira.

Mas o que tudo isso tem haver com os microfones da Rádio Nacional? Após a derrota do selecionado brasileiro e do silêncio impingido ao Maracanã, esses foram alguns dos assuntos que mobilizaram a vida cotidiana do país, sobretudo daqueles que tinham o rádio como companheiro e se valiam dele como principal meio de informação.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso aqui empreendido ressalta a importância do rádio como veículo de disseminação da informação. A seu lado, famílias inteiras passavam os dias ouvindo as notícias, as radionovelas, riam e choravam. O rádio era, e ainda é, capaz de nos trazer diversos sentimentos, mesmo sem termos a visualização da imagem. É recorrente ouvirmos uma música, uma notícia, uma história e lembrarmos de alguém. O rádio é um veículo que tem capacidade de atingir um grande público, uma vez que seu alcance chega até a maioria da população e atinge regiões mais afastadas dos centros urbanos.

Durante aquela que foi considerada a época dourada do rádio, os anos de 1940 e 1950, a principal emissora radiofônica do país era a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Seu sucesso era tanto que em pesquisa realizada pelo IBOPE no ano de 1944, foi apontado que a emissora possuía 70% da audiência, contra apenas 10% da principal concorrente.

A Rádio Nacional foi precursora na implementação de diversas atividades e formatos de programas que ainda hoje fazem no meio comunicacional, inclusive a cobertura esportiva. Foi a primeira emissora a realizar um concurso para a escolha de um locutor, a pioneira em programas esportivos e também criou o sistema-duplo de narração onde cada locutor ocupava uma faixa do campo. O ponto alto das atividades esportivas da emissora foi a cobertura e transmissão dos jogos da Copa do Mundo de 1950.

Considerado o maior evento de futebol acontecido no país, a Copa do Mundo daquele ano ocasionou diversas mudanças sociais e de infraestrutura nas principais cidades brasileiras. A maior delas foi, sem dúvidas, a construção de um gigantesco estádio que serviria como o palco para a primeira grande conquista do futebol da seleção brasileira, o Estádio do Maracanã. Nele, o Brasil jogou cinco de seus seis jogos na competição.

No jogo decisivo entre Brasil e Uruguai, a nossa seleção jogava por dois resultados: a vitória ou o empate. No fim, deu vitória dos uruguaios. A partida foi irradiada ao vivo pela Rádio Nacional. Em sua transmissão, os profissionais que trabalharam na cobertura do jogo em diversos momentos deixaram no ar a condição de vantagem que o Brasil tinha no jogo e, como veículo informacional formador de opinião, serviu para que os ouvintes acreditassem e vivenciassem a expectativa da

vitória, fato que não aconteceu, deixando seus microfones e locutores mudos, assim como ficaram a maioria dos ouvintes em cada canto do Brasil.

Sendo assim, podemos concluir que o rádio se constituía, no contexto aqui apresentado, como um meio de comunicação fundamental para a disseminação da informação e do entretenimento das pessoas que viveram nos anos de 1940 e 1950. Condição que, pelos relatos inscritos na pesquisa desenvolvida por Pessoa (2010), se mostra pouco alterada, mesmo o rádio tendo que concorrer com inúmeros outros dispositivos e mídias comunicacionais. Razão que nos impele, enquanto profissionais bibliotecários, a tentar entender melhor o porquê o rádio ainda é, para muitas pessoas, o companheiro de todas as horas, por meio do qual alguém conta alguma coisa ao outro ao pé do ouvido.

## REFÊRENCIAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **NBR 6033**: ordem alfabética. Rio de Janeiro, 1989.

\_\_\_\_\_. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2005

COSTA, Bernardo. **Pedaços da história do rádio no Centro do Rio**. Disponível em: < <http://www.abi.org.br/pedacos-da-historia-do-radio-no-centro-do-rio/>>. Acesso em: 20 set. 2010

COSTA, Flávio Rodrigues. **Flávio Rodrigues Costa**: entrevista [jun. 1950]. Entrevistador: Manoel Barcelos. Rio de Janeiro: Rádio Nacional, 1950. 1 CD.

COSTA, Leda Maria da. **A trajetória da queda**: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo. 2008. 159 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO (Suíça). **Copa do Mundo da FIFA Brasil 1950**. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/worldcup/archive/edition=7/index.html>>. Acesso em: 22 set. 2010.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução: Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. 3. ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009. (Coleção L&PM Pocket).

GLOBOESPORTE.COM. **Título sul-americano completa 60 anos**: em 48, Vasco foi o primeiro time a ser campeão continental após empate com River Plate. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Vasco/0,,MUL350188->

4283,00.html>. Acesso em: 20 jan. 2011.

HEIZER, Teixeira. **O jogo bruto das copas do mundo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1997. p. 65-111.

LISE, Riqueldi Straub et al. **Copa do Mundo de 1950: a imprensa e os jogos realizado em Curitiba**. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1405.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2010.

MASSADAR, Rafael. **No mundo da bola**. Disponível em: [http://www.facha.edu.br/publicacoes/jornallab\\_meier/2006/junho/Pag15.pdf](http://www.facha.edu.br/publicacoes/jornallab_meier/2006/junho/Pag15.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2010.

MENDES, Fernando. **O último voo do Torino: há 60 anos acontecia o maior acidente aéreo envolvendo um time de futebol, que vitimou 18 jogadores do Torino, tricampeão italiano e base da “azzurra”**. Disponível em: [http://revistainvicto.uol.com.br/scripts/materia/materia\\_det.asp?idMateria=273&idCanal=23](http://revistainvicto.uol.com.br/scripts/materia/materia_det.asp?idMateria=273&idCanal=23)>. Acesso em: 22 nov. 2010.

MENDES, Luiz. **7 mil horas de futebol**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999. p. 128-130.

MURCE, Renato. **Bastidores do rádio: fragmentos do rádio de ontem e de hoje**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 15-16.

PESSOA, Marina Torres. **A relação entre ouvintes assíduos e o rádio: um estudo de usuários da informação a partir de uma perspectiva compreensiva**. 2010. 95 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Ciência da Informação, Departamento de Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

RÁDIO NACIONAL (Brasil). **20 anos de liderança a serviço do Brasil: 1936-1956**. Rio de Janeiro, 1956. s.p.

RÁDIO NACIONAL (Brasil). **Informativo para o programa No Mundo da Bola**. Rio de Janeiro, jul. 1950. 1 CD.

RÁDIO NACIONAL (Brasil). **Segundo tempo do jogo Brasil X Uruguai**. Rio de Janeiro, jul.1950. 1 CD.

SALGADO, Diego. **Veja como foi a última Copa disputada no Brasil: Os 22 jogos do Mundial foram disputados em 6 cidades: Rio, SP, BH, Curitiba, Porto Alegre e Recife**. Disponível em: <http://www.copa2014.org.br/noticias/1274/VEJA+COMO+FOI+A+ULTIMA+COPA+DISPUTADA+NO+BRASIL.html>>. Acesso em: 26 jan. 2011.

SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. 3. ed. ampl. e atualizada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 224 p.

SOUTO, Sergio Montero. **A construção da memória da Copa de 1950**. Disponível em: <  
<http://www.portcom.intercom.org.br/novosite/pdfs/109372367843316203715451139645560131250>>. Acesso em 20.jan.2011

SUDERJ. **Maracanã**. Disponível em: <<http://www.suderj.rj.gov.br/maracana.asp>>. Acesso em: 26 jan. 2011.

## ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DE GRAVAÇÃO BRASIL X URUGUAI



antunesnsc . <antunesnsc@gmail.com>

### Brasil x Uruguai na Copa do Mundo de 1950

3 mensagens

**João Paulo Antunes** <antunesnsc@gmail.com>

2 de dezembro de 2010 11:03

Para: lacybarca@tvbrasil.org.br

Olá Lacy, tudo bem?

Não sei se você se lembra de mim. Sou orientando da Wanessa Canellas do SGR. Eu estive na Rádio Nacional conversando com o Sr. Alberto Luiz e escutei o áudio do jogo Brasil x Uruguai em 1950. O áudio com certeza me ajudará na composição do meu trabalho de conclusão de curso. Gostaria de verificar com você a possibilidade de gravação dos cds contendo o áudio e saber como eu devo proceder para fazer uma solicitação de gravação.

No aguardo,

Grato.

João Paulo Antunes

**Lacy Barca** <lacybarca@tvbrasil.org.br>

13 de dezembro de 2010 11:23

Para: João Paulo Antunes <antunesnsc@gmail.com>

Cc: albertoluz@ebc.com.br

Olá João,

Desculpe a demora em te responder. Estava em Brasília. Copio o Alberto Luiz, solicitando que ele te atenda.

Um abraço,

Lacy

**From:** João Paulo Antunes

**Sent:** Thursday, December 02, 2010 11:03 AM

**To:** lacybarca@tvbrasil.org.br

**Subject:** Brasil x Uruguai na Copa do Mundo de 1950

[Texto das mensagens anteriores oculto]

**João Paulo Antunes** <antunesnsc@gmail.com>

13 de dezembro de 2010 12:29

Para: Lacy Barca <lacybarca@tvbrasil.org.br>

Olá Lacy,

Eu entrei em contato e me falaram que você estava em Brasília. Entrarei em contato com o SR. Alberto Luiz para agendarmos uma visita.

Obrigado.

Um abraço,

João Paulo.

**ANEXO B - CD COM AS GRAVAÇÕES DOS ÁUDIOS DA COPA DO MUNDO DE 1950**